



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO - PROEG
CAMPUS AVANÇADO DE PATU - CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS - DLV
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS**

WILLIAN ANDRADE SILVA

**O RACISMO ESTRUTURAL COMO CONDIÇÃO DE EMERGÊNCIA PARA
DISCURSOS DE ÓDIO EM COMENTÁRIOS DO *INSTAGRAM***

PATU - RN

2022

WILLIAN ANDRADE SILVA

O RACISMO ESTRUTURAL COMO CONDIÇÃO DE EMERGÊNCIA PARA
DISCURSOS DE ÓDIO EM COMENTÁRIOS DO *INSTAGRAM*

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, *Campus* Avançado de Patu-CAP, Departamento de Letras Vernáculas, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras - Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dra. Luciana Fernandes Nery

PATU – RN

2022

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

**Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

S586r Silva, Willian Andrade
O racismo estrutural como condição de emergência para discursos de ódio em comentários do instagram. / Willian Andrade Silva. - Patu, 2022.
66p.

Orientador(a): Profa. Dra. Luciana Fernandes Nery.
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Discurso. 2. Racismo estrutural. 3. Discurso de ódio.
4. Instagram. I. Nery, Luciana Fernandes. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

WILLIAN ANDRADE SILVA

**O RACISMO ESTRUTURAL COMO CONDIÇÃO DE EMERGÊNCIA PARA
DISCURSOS DE ÓDIO EM COMENTÁRIOS DO *INSTAGRAM***

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, *Campus* Avançado de Patu-CAP, Departamento de Letras, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras- Língua Portuguesa.

Aprovado em: 22/ 09/ 2022

Banca Examinadora

Luciana Fernandes Nery

Profa. Dra. Luciana Fernandes Nery – Orientadora
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Francisco Vieira da Silva

Prof. Dr. Francisco Vieira da Silva – Examinador
Universidade Federal Rural do Semi- árido – UFRSA

Maria Leidiana Alves

Profa. Dra. Maria Leidiana Alves- Examinadora
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

À minha família, que (in) diretamente, esteve presente em todos os momentos da minha formação. Dedico também à minha avó, Maria Lizete (*In memoriam*), por ter chegado até aqui.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro momento, não poderia deixar de agradecer à vida. Os altos e baixos fizeram com que eu pudesse crescer e aprender novamente sob cada nascer do sol. Os dias não foram fáceis e, em muitos momentos, me indaguei diversas vezes se realmente iria conseguir chegar até aqui. Contudo, ao observar os acontecimentos ao meu redor, pude compreender que somos fruto dos nossos sonhos e que podemos ir muito longe, principalmente quando queremos ser pessoas melhores.

Agradeço à minha família que esteve comigo nos momentos de dificuldade. Vocês me deram força para que eu pudesse vencer esta etapa. Sou eternamente grato pelos votos de apoio e por cada um que fez com que eu me fortalecesse nas minhas caminhadas.

À minha mãe, Leila, que nunca desistiu de ser presente em minha vida e de me dar todo o apoio necessário para que eu alcançasse novos ares. À senhora, minha eterna gratidão e amor. Agradeço também à minha avó, Maria Lizete (*In memoriam*), que hoje não está entre nós, mas que os seus ensinamentos me moldaram para que eu fosse quem sou hoje.

À minha namorada, Laís, que me deu consolo nos momentos em que eu não suportei as lágrimas e o cansaço desta trajetória. Sua presença foi o meu maior refúgio para que eu não desistisse e o seu incentivo está eternamente gravado em meu coração. Recordo-me com clareza de quantas vezes você me abraçou e disse que eu conseguiria. Muito obrigado por ser luz na minha vida.

Ao meu grupinho de estudos que encontrei no decorrer da graduação e que se tornaram eternos para a minha vida: Ítalo, Jéssica, Jhenypher, Severino, Thauan e Wênia. Tivemos grandes momentos de risadas e de companheirismo juntos e eu desejo imensamente que cada um de vocês tenha muito sucesso nas suas vidas.

Às professoras do CAP-UERN, por serem tão preciosas e amigas. Cada momento revivido pelos corredores trouxe boas lembranças, sorrisos e afetos partilhados. Sentirei muita saudade de todos (as) vocês. Aqui, deixo em destaque um agradecimento à profa. Lailsa Ribeiro: lembro perfeitamente de quando você conversou comigo no momento em que pensei desistir de tudo. Foi o seu incentivo e a sua sensibilidade que fez com que eu não abandonasse o meu sonho e que conseguisse realizar este trabalho.

Ao grupo de pesquisa PAPEL do qual participei. Agradeço imensamente a cada um de vocês: Thauan, Felipe, Maria Rita e Laura. Foram momentos de diálogo e de produção muito ricos e que estarão sempre presentes comigo. Agradeço também à professora Aline, coordenadora do projeto, que se tornou uma imensa amiga. Seus votos de positividade me motivaram desde o início da graduação para pesquisar e querer evoluir. A ti, muito obrigado!

Agradeço à oportunidade que tive de participar do PIBID, coordenado pela professora Dra. Leidiana. Foram momentos de desafio, principalmente por termos passado boa parte dele no período de atividades remotas. Tenho certeza de que esta experiência contribuiu fortemente para o meu olhar enquanto professor e pesquisador. Aqui, deixo o meu muito obrigado!

Às minhas amigas do grupinho de estudos discursivos que intitulamos de “AD da depressão”: Érica, Heloísa e Sara. O nome realmente fazia jus às dificuldades que a gente passou, mas que conseguimos enfrentar e ter êxito em nossa formação. A vocês, meninas, a minha gratidão pela parceria e pelas contribuições dadas a mim e ao meu trabalho.

Agradeço à minha orientadora Luciana Fernandes Nery, pelos diálogos e pela paciência em todos os momentos em que eu necessitei de suas contribuições. Desejo muita saúde na sua vida e que você tenha a plenitude de ser cada vez maior. Sua grandiosidade e sabedoria me causa total admiração e eu sou muito grato por ter compartilhado bons momentos para poder adentrar em uma nova fase como pesquisador.

Agradeço imensamente pela participação da banca composta pela professora Dra. Maria Leidiana Alves, que está novamente presente neste momento tão importante para mim e pelo professor Dr. Francisco Vieira da Silva. Suas contribuições foram de extrema importância para o meu trabalho. Meu voto de gratidão sobre cada um. Que as trajetórias percorridas por vocês sejam abundantes e ricas em muito sucesso.

Ideias racistas devem ser combatidas, e não relativizadas e entendidas como mera opinião, ideologia, imaginário, arte, ponto de vista diferente, divergência teórica. Ideias racistas devem ser reprimidas, e não elogiadas e justificadas. Não adianta dizer que hoje tudo é racismo, mostrando uma explícita ignorância histórica. Este país foi fundado no racismo, não tem nada de novo nisso. (RIBEIRO, 2018, p. 39).

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo geral analisar como que o racismo estrutural possibilita a emergência do discurso de ódio a partir de comentários presentes em postagens da página do *Instagram* Mídia Ninja. O interesse na pesquisa se deu a partir da produção dos discursos que denunciavam/revelavam o caráter acerca do racismo cotidiano nas redes sociais. A partir disso, a pesquisa propôs como objetivos específicos investigar como a liberdade de expressão serve como suporte para que determinadas práticas discursivas e não discursivas estabeleçam relações de poder. Em seguida, identificou-se como o *Instagram* pode contribuir para a (re) produção do racismo estrutural e a manifestação do discurso de ódio sobre os sujeitos negros no espaço virtual. A pesquisa possui natureza qualitativa, a partir da seleção e interpretação de treze (13) comentários presentes em 7 (sete) postagens presentes na página Mídia Ninja, para que se pudesse investigar os discursos constituintes dos sujeitos manifestantes do discurso de ódio em foco. O olhar circunstanciado parte dos estudos discursivos da Análise do Discurso, com base em Foucault (2010, 2014, 2020) e Gregolin (2003,2006). No que tange ao aporte teórico, nos baseamos em Almeida (2021) acerca do racismo estrutural; Butler (2021) sobre o discurso de ódio e Lévy (2011) com as teorias do espaço virtual. A partir da análise dos dados, pôde-se constatar que a produção do discurso de ódio sustenta o imaginário que discrimina o sujeito negro enquanto inferior. Além disso, as práticas racistas revelam modos de subjetivação e objetivação que transitam sobre determinadas condições emergentes pela história e pela memória.

Palavras-chave: Discurso; Racismo estrutural; Discurso de ódio; *Instagram*.

RESUMEN

El presente trabajo tuvo como objetivo general analizar cómo el racismo estructural permite el surgimiento de discursos de odio a partir de comentarios presentes en publicaciones en la página de *Instagram* de Mídia Ninja. El interés en la investigación surgió a partir de la producción de discursos que denunciaban/revelaban el carácter sobre el racismo cotidiano en las redes sociales. A partir de ello, la investigación se planteó como objetivos específicos indagar cómo la libertad de expresión sirve de soporte a determinadas prácticas discursivas y no discursivas para establecer relaciones de poder. Luego, se identificó cómo *Instagram* puede contribuir a la (re)producción del racismo estructural y la manifestación de discursos de odio sobre sujetos negros en el espacio virtual. La investigación tiene carácter cualitativo, a partir de la selección e interpretación de trece (13) comentarios presentes en 7 (siete) publicaciones presentes en la página de Mídia Ninja, de manera que los discursos constituyentes de los sujetos que protestan por el discurso de odio puedan ser investigados a partir de los comentarios que están en foco. La mirada detallada parte de los estudios discursivos del Análisis del Discurso, a partir de Foucault (2010, 2014, 2020), Gregolin (2003, 2006). En cuanto al aporte teórico, nos basamos en Almeida (2021) sobre el racismo estructural; Butler (2021) sobre el discurso del odio y Lévy (2011) con las teorías del espacio virtual nos basamos en Almeida (2021); Butler (2021) y Lévy (2011). A partir del análisis de los datos, fue posible verificar que la producción de discurso de odio sustenta el imaginario que discrimina al sujeto negro como inferior. Además, las prácticas racistas revelan modos de subjetivación y objetivación que transitan sobre ciertas condiciones emergentes a través de la historia y la memoria.

PALABRAS CLAVE: Discurso; Racismo estructural; El discurso del odio; *Instagram*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Postagem 1.....	40
Figura 2 – Comentário sobre a postagem 1.....	41
Figura 3 – Postagem 2.....	44
Figura 4 – Comentários sobre a postagem 2.....	45
Figura 5 – Postagem 3.....	48
Figuras 6 e 7 – Comentários sobre a postagem 3.....	49
Figura 8 – Postagem 4.....	51
Figuras 9 e 10 – Comentários sobre a postagem 4.....	52
Figura 11 – Postagem 5.....	53
Figuras 12 e 13 – Comentários sobre a postagem 5.....	54
Figura 14 – Postagem 6.....	56
Figura 15 – Comentário sobre a postagem 6.....	56
Figura 16 – Postagem 7.....	58
Figura 17 – Comentário sobre a postagem 7.....	58

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 PROBLEMATIZAÇÕES TEÓRICAS SOBRE O DISCURSO E O RACISMO	21
2.1 Noções sobre Discurso, poder e subjetividade	22
2.2 O enunciado e sua formação	27
2.3 Racismo estrutural e discurso de ódio: teorizações e diálogos possíveis	30
2.4 O <i>Instagram</i> como espaço digital para a propagação do discurso de ódio	33
3 RACISMO OU LIBERDADE DE EXPRESSÃO? UMA ANÁLISE A PARTIR DE COMENTÁRIOS NO <i>INSTAGRAM</i>	38
3.1 Modos de objetivação/subjetivação dos sujeitos que (re) produzem o discurso de ódio nas redes sociais	40
3.2 O anonimato como ferramenta de reprodução do racismo estrutural	50
3.3 O discurso de ódio como dispositivo de controle sobre os corpos negros	55
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS.....	64

1 INTRODUÇÃO

[...] se o racismo é inerente à ordem social, a única forma de uma instituição combatê-lo é por meio da implementação de práticas antirracistas efetivas. (ALMEIDA, 2021, p.48).

As redes sociais têm ganhado espaço no que tange às suas funcionalidades, bem como em serem ferramentas de uso para a discussão e reflexão sobre as questões relativas ao racismo e ao discurso de ódio, sobretudo, com denúncias que revelam casos presentes na sociedade. A facilidade de acesso e o alcance em larga escala proporcionaram aos usuários medidas que ganharam força constante, como por exemplo, a prática de comentários sobre os sujeitos que são discriminados e que são minimizados a partir do discurso injurioso, principalmente nas plataformas sociais, dentre elas, o *Instagram*.

Ao retomar a epígrafe, percebe-se que a prática racista reflete no modo como a sociedade se comporta a partir das classes raciais. Nisso, a prática antirracista não se constitui apenas no reconhecimento da injúria ou da ofensa, mas também no combate das práticas discursivas dentro da conjuntura social já que as estruturas entre os sujeitos também negam direitos e criam condições de privilégios que distanciam os negros de sua existência.

Ao pensar na problematização que tangencia os sujeitos negros na sociedade, em virtude da possibilidade de acesso às tecnologias digitais, diversas postagens expressam e denunciam casos que ocorrem dia após dia de pessoas que sofrem racismo físico, moral ou psicológico. É importante frisar que o espaço midiático das redes sociais constituinte de práticas discursivas específicas também está relacionado à como os sujeitos interagem e problematizam as questões que dizem respeito ao racismo estrutural. Diante dessa questão, Almeida (2021) destaca que o racismo estrutural é:

[...] uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes e inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias. (ALMEIDA, 2021, p. 32).

Neste sentido, o *Instagram*¹, ferramenta de uso frequente entre boa parte dos sujeitos, pode se tornar objeto de investigação e serve e como aporte de discussão para pensar como os sujeitos podem compartilhar as suas opiniões e como elas estão marcadas por um discurso relacionado ao modo com que as estruturas sociais (re) produzem e perpetuam práticas que condicionam os sujeitos negros a uma posição de marginalidade que se sustenta em princípios fundamentados em uma hegemonia branca acerca de privilégios e de padrões sociais historicamente determinados.

Ao pensar na mídia social *Instagram* como uma ferramenta de combate ao racismo que é “naturalizado” em sua prática cotidiana, é válido destacar também que os sujeitos também reproduzem discursos de ódio, apresentando justificativas que apresentam ofensas, ameaças ou até mesmo, práticas que sustentam questões relativas ao genocídio negro². As mídias digitais, uma vez que possuem facilidade de acesso, também retiram a sua responsabilidade sobre a liberdade de expressão dada aos sujeitos, de tal maneira que, a facilidade de postagem e da (não) punição faz com que a naturalização do racismo continue presente como uma situação em que a condição ou o distanciamento entre a elite e a marginalidade dos povos negros seja vista como reflexo da sociedade e não como uma problemática que resulta do próprio produto da realidade.

Em razão dos apontamentos levantados, esta pesquisa apresenta os seguintes questionamentos: a) Como os sujeitos reproduzem o discurso de ódio em relação ao racismo no *Instagram* pela tentativa da desigualdade social a partir de comentários ofensivos? b) Que estratégias discursivas são mobilizadas na construção de discursos racistas no *Instagram*? c) Como a liberdade de expressão

¹ O *Instagram* é uma rede social que foi criada em 2010 e que possui foco para conteúdos visuais, principalmente imagens no *feed* (página inicial da conta onde aparecem as pessoas e as empresas que o usuário segue). Para que os conteúdos sejam vistos em sua conta, é preciso seguir a página e quando o perfil é privado, é necessária a solicitação para seguir. Maiores informações em: https://www.remissaonline.com.br/blog/o-que-e-instagram/amp/?utm_id=8625638102&matchtype=&placement=&adgroupid=87163560379&loc_interest_ms=&loc_physical_ms=9074280&network=g&target=&adposition=&utm_term=&utm_source=google&utm_medium=cpc&utm_campaign=RM_Search_Desk_DSA_Blog_PF&utm_content=533134534795&hsa_net=adwords&hsa_grp=87163560379&hsa_mt=&hsa_tgt=dsa-713029957580&hsa_kw=&hsa_src=g&hsa_acc=4754839251&hsa_cam=8625638102&hsa_ver=3&hsa_ad=533134534795&qclid=CjwKCAjwm8WZBhBUEiwa178UnCn2qBKEvZa5vwBbCl0cFxm0WizGxfCmk444OmhHF3Rf66JpTk2JoRoCzyEQAvD_BwE. Acesso em 26 de setembro de 2022.

² Na década de 40, a ONU definiu o genocídio como “um crime contra a humanidade”. Esse documento foi criado devido aos acontecimentos que estiveram relacionados ao Holocausto. Maiores informações em: <https://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/o-que-e-genocidio.htm>. Acesso em 26 de setembro de 2022.

pode servir como ferramenta discursiva para a prática do discurso de ódio dentro do espaço do *Instagram*?

A pesquisa partiu de indagações que surgiram durante a pandemia da COVID-19, em que os sujeitos estiveram confinados no isolamento domiciliar. Tal período proporcionou um aumento nas postagens das redes sociais relativas ao racismo estrutural e com isso, os discursos de ódio se disseminaram, principalmente, relacionados a pessoas negras³. Desse modo, as plataformas sociais trazem em sua constituição questões que possibilitam ao sujeito a integração ou a segregação a partir do seu discurso marcado com “a sua relação com a sua referência.” (FOUCAULT, 2014, p. 15) e com a reafirmação da naturalidade da prática racista.

Visto que os discursos não se tratam de enunciados postos isoladamente em determinado momento histórico, o racismo estrutural também não pode ser pensado apenas a partir de situações específicas de classes dominantes sobre as classes minoritárias. O discurso de ódio sustenta-se em uma ordem que está possibilitada a partir da emergência em razão do caráter do sujeito enquanto um ser social e histórico. Para Butler (2021, p. 33), “a possibilidade de um ato de fala ressignificar um contexto prévio depende, em parte, do intervalo entre o contexto de origem ou a intenção que anima um enunciado”. Isso significa que, para o discurso de ódio estar atrelado ao racismo estrutural, há contextos que dão a possibilidade para que estes atos de fala, em suas composições enunciativas estejam construídos historicamente predestinados à sua continuidade dentro do espaço discursivo, a partir de práticas que neutralizam e reforçam, direta ou indiretamente, a hierarquia vigente da branquitude racista. Conceição (2020) define a branquitude como:

[...] um conceito elaborado a partir de um discurso ético, criado para desvelar certos processos e relações estruturais de dominação, para desmascarar a face oculta do colonialismo, como um operador sub-reptício de naturalização do branco e para transformá-lo em ideal e em universal. (CONCEIÇÃO, 2020, p.13).

Juntamente com a construção dos discursos racistas há também a questão de alguns sujeitos negros estarem presentes no espaço político. Estes, por sua vez,

³ Segundo informações do SAFERNET, os crimes de ódio nas redes sociais aumentaram cerca de 5000% durante a pandemia. Maiores informações em: <https://www.brasildefatores.com.br/2020/09/04/crimes-de-odio-aumentam-durante-a-pandemia-em-invasoes-de-videoconferencias>. Acesso em 26 de setembro de 2022.

também estão marcados por discursos que dão a eles possibilidades de integração e de acesso ao poder, como o exemplo do presidente da Fundação Palmares, Sérgio Camargo⁴. Ao considerar a branquitude como um modo de organização baseado no branco como ideal, pode-se entender que determinados discursos, no caso dos proferidos pelo presidente da fundação, visam uma legitimação de sua posição enquanto um sujeito que nega a sua identidade enquanto negro. Portanto, esta tentativa de afirmar que o racismo estrutural não existe consiste em uma estrutura de dominação que, quando atrelada às práticas discursivas, fazem com que o sujeito seja integrado em uma posição de poder que, de certa forma, o subordina ao pertencimento da hierarquia. Desse modo, a opressão e o ódio ao povo negro também podem estar pautadas como fundamentos plausíveis de aporte para a construção do discurso de ódio nas mídias sociais.

A partir do exposto, elencamos os seguintes objetivos:

Geral:

- Analisar como o racismo estrutural ancora a emergência do discurso de ódio em comentários relativos às postagens do perfil Mídia Ninja no *Instagram*.

Específicos:

- Investigar sobre como as práticas discursivas e não discursivas criam modos de subjetivação/objetivação para o discurso de ódio na rede social *Instagram*;
- Examinar sobre como o *Instagram* pode contribuir para a propagação do discurso de ódio e do racismo estrutural;
- Compreender sobre como a liberdade de expressão revela a segregação racial a partir do discurso de ódio na mídia social *Instagram*.

Antes de pensar no discurso de ódio como algo que põe o sujeito em uma posição de subordinação (BUTLER, 2021) e como um ato que também pode ser realizado no espaço das mídias sociais, é preciso reconhecer quem são os sujeitos que produzem e por que razão tais discursos são proferidos em determinadas condições de produção, já que as conjunturas discursivas advêm de fatores que se entrelaçam sob seus aspectos sociais e históricos, sobretudo nos discursos daqueles que se constroem nos comentários produzidos. Não obstante, o discurso

⁴ Sérgio Camargo era o presidente da Fundação Palmares durante o ano de 2019. Sua postura era contrária aos movimentos negros e em algumas de suas polêmicas, já afirmou que o racismo estrutural não existe. Maiores informações sobre a biografia em: https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A9rgio_Camargo#:~:text=S%C3%A9rgio%20Nascimento%20de%20Camargo%20%C3%A9,promo%C3%A7%C3%A3o%20da%20cultura%20afro%2Dbrasileira. Acesso em 21 de Agosto de 2022.

mediático em sua amplitude, carrega marcas que vão além do que o sujeito expressa, como a sua manifestação subjetiva que pode (ou não) conter discursos que influenciam e propagam o discurso de ódio em determinados enunciados dentro do espaço das redes sociais, já que o *Instagram* acabou se tornando um dos principais meios de interação entre os indivíduos na era tecnológica atual.

Ao refletir sobre a liberdade de expressão que, mesmo com determinadas restrições, foge do âmbito da punição sobre o discurso de ódio, vale destacar o porquê de o racismo estrutural estar constituído nas relações sociais a partir de ofensas ou ameaças, vistas em sua maioria nas plataformas sociais, como o *Instagram*, ou em forma de anonimato presente em determinados comentários, já que dentre os discursos produzidos, a “nossa relação com a vida social é mediada pela ideologia, ou seja, pelo imaginário que é reproduzido pelos meios de comunicação, pelo sistema educacional e pelo sistema de justiça em consonância com a realidade” (ALMEIDA, 2021, p. 67).

Nesse sentido, a presente pesquisa surge inicialmente como uma necessidade particular de discussão, pautada nas relações de poder que se configuram no modo em que o sujeito está objetivado à sua posição de subordinação e que, quando pensado no espaço midiático, se amplia a partir do discurso de ódio e do racismo estrutural visível diariamente. Portanto, nosso trabalho se torna relevante por seu caráter que visa o compromisso com a contribuição científica, bem como as discussões sobre a luta antirracista. A pesquisa também parte de uma necessidade social com os estudos raciais, visto que, as discussões sobre o racismo estrutural, uma vez ampliada para o espaço das mídias sociais, partem para uma reflexão sobre como os sujeitos dizem o que dizem, de modo a revelar o caráter danoso que envolve o ato discursivo.

Ao se tratar de uma pesquisa que visa o compromisso com a luta antirracista, é necessário destacar que, embora não tenha o ensino como foco, o trabalho se realiza no espaço de um campo de licenciatura. Portanto, como docente e pesquisador, torna-se urgente a necessidade de ampliar as discussões sobre o racismo no cenário educacional e científico, a fim de possibilitar o viés crítico sobre o tema, bem como em ampliar os diversos olhares.

Além do caráter científico e social, a nossa proposta pretende contribuir para os pesquisadores em processo de formação. Desse modo, as discussões sobre o racismo estrutural nas mídias sociais, em seu viés de alcance, realçam as

abordagens de diálogo e de análise, tanto no aspecto formativo do sujeito em pesquisa, como à instituição em suas contribuições. Não obstante, a pesquisa surgiu conforme a necessidade particular de ampliar e (des) construir o imaginário racista sobre a perspectiva e o anseio científico da formação na área dos Estudos Discursivos Foucaultianos.

O *corpus* desta pesquisa é constituído de 13 (treze) comentários que estão presentes em uma seleção de 7 (sete) postagens, publicados na página do *Instagram* Mídia Ninja. A seleção da página também se dá pela quantidade de seguidores (4,3 milhões). Dentre várias páginas do *Instagram*, esta apresenta em sua composição, casos de racismo que são denunciados com uma frequência considerável e que servem como aporte para análise e discussão acerca da temática proposta. A escolha se deu pelo fato do conteúdo realçar e refletir sobre os casos de racismo que são publicados com frequência nas mídias sociais durante o ano de 2022. Como critério de seleção do *corpus*, considerou-se o fato de que, embora se trate de uma página pública que está disponibilizada a todos os usuários, os comentários sobre o discurso de ódio são presentes com menor frequência do que nos próprios perfis pessoais dos sujeitos envolvidos nos casos de racismo. Portanto, a presença de determinados comentários dão a possibilidade de compreender como o racismo estrutural cria condições para a (re) produção do discurso de ódio nas redes sociais.

A metodologia de pesquisa se dá a partir de uma abordagem de cunho qualitativo, de modo a considerar na seleção do *corpus* a análise e a reflexão em diálogo com as discussões apontadas por Foucault, sobretudo com as relações de poder que estão em jogo e as instituições sociais que, circunstanciadas à história e a memória, refletem determinados métodos que dialogam com as estruturas hierárquicas que perpetuam o racismo. Além disso, o processo analítico também se fundamenta no caráter descritivo-documental, pois, ao considerar os comentários expostos na página Mídia Ninja, disponíveis no *Instagram*, o foco esteve pautado na escolha e na aplicação feita a partir do arquivo⁵ em destaque. Ademais, conforme os fenômenos discursivos que estão em jogo entre as postagens e os comentários, o

⁵ Para Foucault (2020, p. 158), “o arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. Mas o arquivo é, também, o que faz com que todas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, não se inscrevam, tampouco, em uma linearidade sem ruptura e desapareçam ao simples acaso de acidentes externos, mas que se agrupam em figuras distintas, se componham umas com as outras segundo relações múltiplas, se mantenham ou se esfumem segundo regularidades específicas [...]”.

aporte também foi realizado com o intuito de apontar quais critérios estão dispostos para que os sujeitos estejam envolvidos no processo do discurso de ódio e na (re) produção do racismo estrutural nas redes sociais.

Os estudos sobre o racismo estrutural têm ganhado destaque no campo científico de pesquisa. Algumas instituições como a UERN trazem em seu acervo pesquisas que proporcionaram contribuições no que concerne à temática. Conforme um levantamento realizado, há alguns trabalhos realizados acerca da temática do racismo a partir do posicionamento político ou a partir de reflexões históricas. Dentre os diversos trabalhos dispostos e realizados no *Campus Avançado de Patu - CAP* têm-se, como exemplo, pesquisas como a de Dantas (2018) sobre o racismo e o humor e o trabalho de Oliveira (2018) acerca do discurso de ódio na mídia, que ampliam as contribuições não apenas no espaço da UERN, mas também para outras pesquisas já existentes sobre o racismo em nível nacional. Além disso, há também a dissertação de mestrado de Pereira Silva (2021) sobre o discurso de ódio com o corpo gordo feminino no *Instagram*. Embora o trabalho da pesquisadora não esteja voltado ao racismo, às discussões sobre o discurso de ódio contribuem para o olhar circunstanciado a partir dos pressupostos teóricos de Foucault.

Neste sentido, mediante os fatos expostos, o presente trabalho está sustentado na seguinte ordem: o primeiro capítulo traz as considerações iniciais e algumas noções que situam o leitor sobre como que o racismo estrutural está organizado dentro das relações de poder na sociedade, em destaque, para o cenário virtual. No segundo capítulo, intitulado “*Problematizações teóricas sobre o discurso e o racismo*”, traz-se o aporte teórico sobre as concepções acerca do discurso, do enunciado e sua formação (FOUCAULT, 2014; 2020; 2021). Ainda será apresentada uma discussão sobre as noções do racismo estrutural (ALMEIDA, 2021), do discurso de ódio (BUTLER, 2021) e sobre o espaço virtual, em destaque, o *Instagram* (LÉVY, 2011).

No terceiro capítulo, nomeado por “*Racismo ou liberdade de expressão? uma análise a partir de comentários no instagram*”, parte-se para as questões relacionadas ao racismo e ao discurso de ódio a partir dos dados relativos à liberdade de expressão, conforme os comentários presentes nas postagens da página Mídia Ninja presentes no *Instagram*. Em seguida, apresenta-se uma análise do anonimato como ferramenta de naturalização e de permanência do racismo estrutural a partir do espaço virtual e depois, o discurso de ódio como uma política

de controle sobre os corpos negros. Por fim, serão apresentadas as considerações finais e as referências que fundamentaram a realização deste trabalho.

Diante do exposto, esta pesquisa visa contribuir para os Estudos Discursivos Foucaultianos, para que a temática sobre o discurso de ódio seja debatida com maior ênfase. O trabalho também servirá de reflexão para aqueles que anseiam compreender sobre o racismo estrutural nas relações sociais e para que se possa pensar em uma educação antirracista a partir do olhar crítico.

2 PROBLEMATIZAÇÕES TEÓRICAS SOBRE O DISCURSO E O RACISMO

Acho que o próprio processo de descolonização é fazer novas questões que ajudam a dismantlar o colonialismo. (RIBEIRO, 2018, p. 109)

Antes de iniciar o percurso teórico pretendido, há uma indagação que sustenta a necessidade de realização desta pesquisa e se faz presente na epígrafe no início deste capítulo acerca dos incômodos e da necessidade de (des) construção sobre o que somos enquanto sujeitos sociais, o que dizemos e também, os efeitos dos discursos para com o outro. Há um desejo de busca pelo conhecimento interno que deve ser implantado desde a gênese, uma vez que “na cultura popular ainda é possível ouvir sobre a inaptidão dos negros para certas tarefas que exigem preparo intelectual” (ALMEIDA, 2021, p. 62). Como consequência, os espaços científicos e sociais naturalizam a ausência dos sujeitos negros sobre seu pertencimento e, com isso, é preciso pensar em questões que contribuam para a condição do sujeito negro em sua integração nos espaços de poder.

Os espaços sociais em que os sujeitos negros envolvidos estão presentes aumentaram. Diante disso, é importante destacar também o cenário digital. No entanto, ao tratar de como as relações são postas no contexto das redes sociais, a desigualdade social é uma causa constante e que não foi extinta. Neste sentido, o racismo, problemática que também está presente nas discussões de teóricos como Almeida (2021), Ribeiro (2018), dentre outros, que defendem a causa da igualdade racial, deve ser pensado não apenas como um ato que ocorre em determinado momento histórico e em situações específicas. Desse modo, a produção do discurso deve estar pautada nas possibilidades de sentidos, já que o racismo “[...] é também um processo de constituição de subjetividades, de indivíduos cuja consciência e afetos estão de algum modo conectados com as práticas sociais” (ALMEIDA, 2021, p. 63).

Diante das questões que envolvem o processo de (des) construção do imaginário racista, a epígrafe, citada no início deste capítulo, traz à tona a questão do fim do colonialismo. Diante de tal problemática, é preciso reconhecer que as teorias raciais se organizavam sobre uma hierarquia, o que Schwartz (1993) determina como aqueles considerados “homens da ciência”. Este grupo de sujeitos possuía “[...] certa identidade que os unia: a representação comum de que os

espaços científicos dos quais participavam lhes davam legitimidade para discutir e apontar os impasses e perspectivas que se apresentavam para o país” (SCHWARTZ, 1993, p. 50). Portanto, essas questões conduzem para uma nova abordagem, que possa incluir os sujeitos negros na produção do conhecimento e no pertencimento aos espaços de poder.

Algumas noções devem ser postas em evidência, sobretudo no que está relacionado ao discurso. Com isso, ao explicar os pressupostos discursivos foucaultianos, parte-se para alguns princípios que servirão como aporte para a pesquisa em realização. Estes fundamentos servem de base para que ao se deter nas relações de poder entre os sujeitos que reproduzem o racismo estrutural e o discurso de ódio no *Instagram*, o olhar esteja pautado nas unidades que singularizam o discurso como realizado em determinado momento.

2.1 Noções sobre Discurso, poder e subjetividade

Muitas discussões trazem à tona questões inerentes a como os sujeitos são, como pensam e como se comportam na sociedade como um todo. Nesse ponto, pode-se dizer que os sujeitos são o que são porque a linguagem os torna como os são. No entanto, se somos moldados pela linguagem, o que seria o discurso? Uma representação da realidade ou uma manifestação subjetiva que está marcada de traços vindos de outras manifestações? Foucault (2014, p. 6) afirma que “é preciso encontrar palavras quando as há, é preciso dizê-las até que elas me encontrem [...]”. Neste sentido, pode-se considerar o discurso como uma necessidade de se encontrar conforme um jogo em que o sujeito está marcado pelo outro e vice-versa. Desse modo, o discurso é considerado sob sua multiplicidade de sentidos. O caráter do discurso vai para além da própria relação entre o sujeito e o meio, mas emerge das próprias possibilidades sobre circunstâncias históricas que resultam nas práticas sociais como meio de estabelecimento do poder que transita conforme as relações dos sujeitos.

Os primeiros estudos sobre o discurso foram iniciados na França, na década de 60, a partir das teorias de Pêcheux. Na época, Foucault, filósofo e pesquisador francês, esteve adentrado na compreensão e na reflexão do poder a partir dos

problemas sociais, sobretudo da sexualidade, da loucura, dentre outros.⁶ Ademais, os campos teóricos de saber estiveram em oposição aos ideais do século XIX, em destaque, os estudos da Linguística Estruturalista. Com isso, instauraram três pilares que contribuíram para a Análise do Discurso: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise.

Diante da tendência da Linguística Estruturalista, o panorama dos estudos discursivos surgiram conforme a consciência de que o sujeito não está isento de sua manifestação, nem da sua autonomia acerca de sua vontade do saber e do poder. Para Guerra (2009):

Do ponto de vista político, a AD nasce, assim, na perspectiva de uma intervenção, de uma ação transformadora, que visa combater o excessivo formalismo lingüístico então vigente, visto como uma nova facção de tipo burguês. Ao lado dessa tendência revolucionária, a AD busca desautomatizar a relação com a linguagem, donde sua relação crítica com a lingüística. (GUERRA, 2009, p. 6).

Os confrontos teóricos dos estudos discursivos com os ideais linguísticos vigentes da década se davam pela razão que na Linguística de Saussure, o sujeito era tido como isento da produção da linguagem, já que para o estruturalismo, a língua consiste em um sistema abstrato, sem quaisquer relações com o meio social. Diante das questões teóricas presentes na época dos anos 60, os estudos discursivos surgiram como novas transformações, de modo que o sujeito passa a ser compreendido como aquele que não é visto como individual, mas que possui existência a partir de determinado contexto social e momento histórico. Gregolin (2008) afirma que:

A Análise do discurso é um campo de vizinhanças teóricas: se entendermos “discurso” como produção de sentidos, realizada por sujeitos histórico-sociais, por meio da materialidade da linguagem, temos necessidade de articular teorias da *linguagem*, do *sujeito*, do *histórico-social*. (GREGOLIN, 2008, p. 27).

De acordo com a afirmação da autora, os estudos discursivos estenderam-se a partir das diversas abordagens que se pautavam em leituras dos pilares citados anteriormente, que são: a Linguística (Sausurre), o Marxismo (Marx) e a Psicanálise (Freud). Neste viés, deve-se compreender que ao considerar tais campos de análise, outros teóricos como Pêcheux, Althusser e Foucault adentram para que as

⁶ Para maiores informações sobre a biografia de Foucault: <https://www.todoestudo.com.br/sociologia/michel-foucault>. Acesso em 26 de julho de 2022.

discussões sejam “[...] essenciais para compreender a singularidade das propostas e como elas se articulam em um projeto que prima pela heterogeneidade teórica” (GREGOLIN, 2008, p. 27).

Em “*A Ordem do discurso*” (2014), Foucault traz uma inquietação que serve como ponto de partida para problematizar sobre o que seria o discurso a partir do desejo e da instituição. Segundo o teórico, a dúvida seria sobre a questão da vontade do falar e do ser proibido em relação às sociedades e aos mecanismos de controle sobre os corpos. Desta forma, a noção de discurso se amplia para aquilo que as instituições têm como controle sobre os corpos em sua gama de possibilidades. Se o desejo da verdade é estabelecido conforme a maleabilidade da língua, isto é, pela possibilidade de flexibilidade para estabelecer relações que levam o poder sob uma transitoriedade histórica e social, as instituições concebem o discurso não como uma forma de representação da autoridade, mas de um poder que está circulado pelas relações sociais. Ao discorrer sobre o discurso, Fernandes (2021) afirma que:

O caráter de complexidade por nós assinalado decorre do fato de o discurso implicar uma exterioridade à língua, ser apreendido no social, cuja compreensão coloca em evidência aspectos ideológicos e históricos próprios à existência dos discursos nos diferentes contextos sociais (FERNANDES, 2021, p. 12).

Para o autor, o discurso está além da sua materialidade linguística, ou seja, traz marcas que fazem com que as exterioridades que envolvem aspectos históricos e sociais, quando postos em evidência a partir de determinados contextos e em situações específicas, revelem que determinadas condições de produção possibilitam que o discurso transite, de tal modo que “importa o sujeito inserido numa conjuntura social, tomado em um lugar social, histórica e ideologicamente marcado” (FERNANDES, 2021, p. 12-13).

Os postulados sobre os estudos foucaultianos trazem abordagens que são pertinentes até a atualidade. Ao pensar no âmbito do racismo estrutural e nas relações entre o discurso de ódio veiculado nas mídias sociais, vários aspectos são levados em conta. Essa amplitude de fatores faz com que, na perspectiva do analista do discurso, não seja pensado apenas no porquê do discurso de ódio estar presente, mas também quais práticas discursivas e não discursivas resgatam condições de sentidos relevantes para a história e estabelecem mecanismos de dominância, hierarquias e acima de tudo, de desigualdades sociais.

Algumas noções circundam sobre o sujeito como aquele que está envolto pelas relações sociais em determinado momento histórico, com condições que dão a possibilidade de resgatar outros discursos que inferem em outras produções de sentidos. O discurso deve ser considerado como algo que “se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém” (FOUCAULT, 2014, p. 07). Isso significa dizer que o discurso não deve ser tratado apenas como uma manifestação linguística, mas também como uma produção permeada por saberes e poderes em determinado contexto e momento histórico. As relações se organizam e se determinam pelo discurso e, desse modo, a produção discursiva é moldada conforme a transitoriedade do poder.

O discurso surge a partir das condições de possibilidade. Para Foucault (2020, p. 31), “é preciso tratá-lo no jogo de sua instância”. Não obstante, as condições do discurso transitam a partir da circulação do poder entre os sujeitos. Nesse sentido, o que está posto no discurso não é apenas a transição do poder dentro de um jogo de verdades, mas a dúvida sobre o porquê das verdades estarem condicionadas em determinado contexto e momento histórico.

Se o poder transita entre as relações, isso quer dizer que não há uma forma unilateral de domínio. As indagações, as problemáticas ou até mesmo as (des) construções fazem parte de uma força que está presente numa resistência, uma vez que pensar no discurso é entender a complexidade dos acontecimentos, de tal maneira que o sujeito não exerce o poder por posição, mas por critérios que o condicionam a estar mobilizado em uma circulação aplicada sobre determinadas classes.

Gregolin (2006) ao apresentar algumas discussões sobre os estudos discursivos foucaultianos destaca que:

Foucault não apenas promove um diálogo conflituoso com a Filosofia, a História etc, como – principalmente – desloca as disciplinas e os saberes. As Ciências Humanas estão no centro de seus debates – em *As palavras e as coisas* (1966a) ele tematiza exatamente as condições epistemológicas que propiciaram o aparecimento de um campo no qual o homem é objeto e sujeito do saber. (GREGOLIN, 2006, p. 56).

Nesse sentido, os momentos em que Foucault discorre no seu aparato teórico acerca do discurso estão relacionados à produção do saber/poder dentro das relações sociais, bem como à epistemologia sobre determinadas práticas e também, sobre o pensamento de estar sujeito à resistência contra as instituições, a partir dos

modos de subjetivação, compreendidos por “diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos” (FOUCAULT, 1995, p. 231). Estes modos estão relacionados às relações de força que criam determinados princípios para que, deste modo, as condições de produção sobre a subjetividade se sustentem nas práticas sociais. Além disso, Foucault (1995) explica os modos de subjetividade a partir de três pilares: 1- a objetivação do sujeito a partir do estatuto da ciência, isto é, que o molda sobre a sua função na sociedade; 2- a objetivação a partir das chamadas “práticas divisórias”, que podem ser consideradas como os modos como o sujeito é compreendido na sociedade a partir de oposições: louco e são, o bom e o criminoso, entre outros e; 3- os modos com que o ser humano se torna um sujeito.

As práticas sociais são postas em jogo de modo a revelar que o discurso também estabelece relações a partir dos sentidos que são produzidos. O discurso, portanto, se constrói a partir de “regras de formação”, que favorecem um espaço comum de possibilidade. Com isso, o discurso exige que os mecanismos linguísticos estejam postos, embora não sejam exclusivos para tal análise. Os pressupostos foucaultianos consideram que o discurso “é constituído pelo conjunto de todos os enunciados efeitos (quer tenham sido falados ou escritos), em sua dispersão de acontecimentos e na instância própria de cada um”. (FOUCAULT, 2020, p. 32). Ademais, o discurso pode ser compreendido como o produto de uma essência que se sustenta na língua e na história para compreender como os sentidos são (re) produzidos.

Os sentidos se ampliam a partir de práticas discursivas que, para Foucault (2020, p. 135), “pode haver – e, sem dúvida, sempre há -, nas condições de emergência dos enunciados, exclusões”. Isso significa que estas práticas discursivas podem ser compreendidas como a parte resultante do discurso a partir de relações estabelecidas com aspectos econômicos, políticos ou que estejam voltados ao seio social. Portanto, tais práticas moldam o sujeito acerca de como ele se constitui e se comporta em relação à realidade.

Conforme os sentidos são atribuídos em determinados enunciados, há também um jogo que está relacionado ao poder e ao desejo de uma construção de verdade. Gregolin (2016, p. 124-125) afirma que “em qualquer cultura há enunciações sobre o sujeito que, independentemente de seus valores de verdade, funcionam, são admitidas e circulam como se fossem verdadeiras”. Consoante à

teórica, para que os discursos transitem a partir dos enunciados, é necessário que haja regras que fazem com que estes discursos sejam aceitos. Nesse sentido, existem regras que determinam como que os discursos transitam e emergem dentro de possibilidades históricas para que estabeleçam as relações sociais sobre os valores de verdade e as hierarquias determinantes.

Outra concepção que pode ser trazida para a discussão é a questão de como o discurso é construído a partir de convenções sociais que moldam o sujeito. Foucault traz na *Arqueologia do Saber* (2020) a ideia de que os discursos, assim como a ciência, a igreja ou a política não são isentos da complexidade dos aspectos que quando postos em evidência sobre outros discursos não os tornam únicos ou instáveis. O referido autor concebe que os discursos devem “ser analisados ao lado dos outros, que com eles mantêm, certamente, relações complexas, mas que não constituem seus caracteres intrínsecos, autóctones e universalmente reconhecíveis” (FOUCAULT, 2020, p. 27). A partir da ideia apresentada, compreende-se que os discursos circulam a partir da pluralidade dos sentidos que são construídos conforme a língua e a história. Estes vieses não são exclusivos e, tampouco, funcionam de forma aleatória. Existe uma escolha específica que cria condições particulares de produção e de existência por meio do enunciado, noção esta que será discutida a seguir.

2.2 O enunciado e sua formação

Ao tratar do discurso como algo que transita dentre as possibilidades e as produções que são dadas como verdades em sua condição de existência, deve-se destacar sobre o que seria o enunciado. Ao tratar desse elemento, Foucault (2020) o considera a partir de questões que não se resumem apenas aos aspectos estruturais e formais do uso e do funcionamento da linguagem como um conjunto de signos. Para o teórico:

À primeira vista, o enunciado aparece como um elemento último, indecomponível, suscetível de ser isolado em si mesmo e capaz de entrar em um jogo de relações com outros elementos semelhantes a ele; como um ponto sem superfície mas que pode ser demarcado em planos de repartição e em formas específicas de grupamentos; como um grão que aparece na superfície de um tecido de que é um elemento constituinte; como um átomo do discurso. (FOUCAULT, 2020, p. 96).

Neste sentido, consoante à teoria em destaque, o enunciado surge como algo intrínseco ao discurso, como o produto de diversos significados que são expostos às condições de produção acerca de quem diz e por que diz. Com isso, as primeiras noções sobre o enunciado giram em torno do discurso a partir do caráter que envolve as possibilidades de produção marcadas pela questão do por que dizer algo e não outra coisa em seu lugar. Desse modo, o sujeito manifesta determinados enunciados a partir de marcas que podem envolver outros discursos. Para compreender o enunciado em sua amplitude, deve-se entender que a subjetividade consiste na particularidade do pensamento, ou seja, naquilo que o sujeito apreende como sendo acreditável a partir de suas experiências sociais e em suas marcas vistas tanto individualmente quanto de forma geral.

É importante considerar que no enunciado, surgem determinadas práticas que envolvem um conjunto de aspectos relacionados a determinadas forças que imbricam na manutenção de valores ou de convenções. Estes fundamentos são respaldados para evidenciar a singularidade do acontecimento que problematiza a questão de um enunciado ser produzido e não outro em seu lugar a partir de formações discursivas. Desse modo, Fernandes (2021) afirma que uma formação discursiva:

nunca é homogênea (...) é sempre constituída por outros discursos. Um mesmo tema ao ser colocado em evidência é objeto de conflitos, em tensão, face às diferentes posições ocupadas por sujeitos que se opõem, contestam-se e põem luz ao confronto discursivo. (FERNANDES, 2021, p. 55).

Estas teses servem de aporte para respaldar que o enunciado deve ser questionado a partir de problemáticas relativas ao seu valor de verdade que é construído conforme as relações sociais nas quais o sujeito está inserido. No entanto, ao abordar o enunciado como algo intrínseco ao discurso, há uma força presente que o individualiza a partir da condição histórica, embora não o defina como inédito sobre sua existência, já que sempre carrega marcas de outros que já foram ditos em algum lugar e em algum momento histórico.

A noção de enunciado proposta por Foucault (2020) “não é nem sintagma, nem regra de construção, nem forma canônica de sucessão e de permutação, mas sim o que faz com que existam tais conjuntos de signos e permite que essas regras e essas formas se atualizem” (FOUCAULT, 2020, p. 106). Portanto, se o enunciado

não se resume à organização linguística a partir dos critérios sintáticos, ele pode ser constituído a partir de uma representação. Daí a noção do discurso enquanto a exterioridade da língua, mesmo necessitando dos aspectos estruturais. Ao tratar do enunciado na *Arqueologia do Saber*, o filósofo destaca:

O enunciado não é uma unidade do mesmo gênero da frase, proposição ou ato de linguagem; não se apoia nos mesmos critérios; mas não é tampouco uma unidade como um objeto material poderia ser, tendo seus limites e sua independência. [...] trata-se, antes, de uma função que se exerce verticalmente, em relação às diversas unidades, e que permite dizer, a propósito de uma série de signos, se elas estão aí presentes ou não. (FOUCAULT, 2020, p. 104-105).

A materialidade do enunciado não consiste, pois, na construção dos signos, mas na possibilidade de existência, conforme a disposição dos significados existentes. Se determinados enunciados criam condições para a existência do discurso, há diversos fatores que estão em jogo, como por exemplo, quais signos estão representados para que os efeitos de sentido sejam estabelecidos, quais critérios estão dispostos sobre a língua para a sua produção, seja na oralidade ou na escrita, com a finalidade de exercer uma determinada função enunciativa. Sobre essa questão, Foucault (2020, p. 118) explica que “a função enunciativa – mostrando assim que não é pura e simples construção de elementos prévios – não pode se exercer sobre uma frase ou proposição em estado livre”. Além disso, a função do enunciado se constrói a partir de uma concretude material que deve ser posta em evidência em razão das demais condições de possibilidade. Sousa e Cutrim (2013, p. 49) explicam que “o enunciado necessita de uma materialidade que lhe determine um tempo e um espaço, sua individualização e, assim, possibilite observar sua transformação”. Portanto, para que as condições de funcionamento do enunciado sejam empregues, é preciso compreender o porquê de um discurso estar posto em evidência e não outro em seu lugar.

Souza (2013, p. 126) afirma que “[...] o enunciado tem sempre margens povoadas de outros enunciados; não há enunciado que não reatualize outros enunciados; o enunciado deve ser analisado (lido) ao nível de sua existência, pois ao que é dito não se pergunta o que esconde”. Se o sujeito produz determinado discurso em um contexto midiático digital, por exemplo, há outros discursos que estão em fluxo a partir daquela produção. Diante do exposto, no próximo subtópico serão trazidas algumas discussões sobre o conceito de racismo estrutural e discurso

de ódio, a fim de didatizar a abordagem proposta e atrelar ao campo da teoria linguística do discurso.

2.3 Racismo estrutural e discurso de ódio: teorizações e diálogos possíveis

A noção de representatividade está sendo ampliada para todos os campos da esfera social, sobretudo, para o das mídias digitais. No entanto, os discursos envolvidos também trazem contrapontos, conflitos e divergências de opinião. Neste aspecto, a efetividade dos enunciados se molda a partir das relações sociais e no *Instagram*, “mostram-se relevantes enquanto suportes técnicos e midiáticos de enunciações e recepções em tempo real, pois são capazes de mobilizar de forma rápida os fatos, acontecimentos e diversos pontos de vista” (OLIVEIRA; OLIVEIRA; ARRAIS, 2019, p. 01-02). A rapidez da circulação das informações no *Instagram* faz com que os sujeitos negros estejam condicionados à exposição, não apenas no sentido de combate ou de denúncia, mas também da possibilidade de ser atacado ou ferido pelo outro que menospreza a sua situação.

Se as estratégias sociais criam relações entre os sujeitos “no sentido de estabelecer normas e padrões que orientarão a ação dos indivíduos” (ALMEIDA, 2018, p. 38), o racismo estrutural transita a partir destas condições de possibilidade, uma vez que:

Em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as instituições que não tratarem de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como “normais” em toda a sociedade (ALMEIDA, 2018, p. 48).

Com isso, o racismo estrutural não apenas cria condições para que determinados grupos permaneçam no poder, mas para que os discursos constituintes de uma hierarquia vigente estejam manifestados dentro do campo das relações sociais, de maneira a possibilitar certos enunciados que naturalizam o racismo como algo visto por meio da vitimização ou de uma irrelevância que poderia ocorrer com qualquer outro ser humano.

A conjuntura social que possibilita práticas de racismo compete aos sujeitos uma mobilização a partir de um ideário sobre o branco enquanto superior às demais raças. Neste quesito, ao resgatar na história momentos como a Segunda Guerra Mundial ou a abolição da escravatura, percebemos o modo como as hierarquias

soberanas faziam com que a raça fosse “um elemento essencialmente político” (ALMEIDA, 2021, p. 31). Portanto, o espaço das redes sociais enquanto possibilitadas do livre acesso às novas formas de controlar os corpos através do repúdio definido em práticas racistas (re) afirmam o não pertencimento a determinados espaços ou posições de poder.

Foucault (2014) afirma que a ilegalidade das práticas sobre o crime se ampliaram a partir de novas tendências de atuação que vão além da efetividade das práticas punitivas. Isso significa que os instrumentos de poder se adaptam conforme a multiplicidade dos corpos. Além disso, Foucault (2014) complementa que esses mecanismos de poder significam:

[...] uma adaptação e harmonia dos instrumentos que encarregam de vigiar o comportamento cotidiano das pessoas, sua identidade, atividade, gestos aparentemente sem importância; significa uma outra política a respeito dessa multiplicidade de corpos e forças que uma população representa (FOUCAULT, 2014, p. 78).

Em diálogo com Foucault, pode-se entender que o racismo estrutural consiste em um processo que não apenas reproduz práticas existentes, mas que resgata subjetividades que estiveram presentes durante a história, já que as sociedades se organizam a partir da organização das classes e da construção de determinados dispositivos. Foucault (1993) afirma que os dispositivos são:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. (FOUCAULT, 1993, p. 244).

A vigilância e a punição ampliaram os espaços de tal maneira que se estenderam para as redes sociais. Ao compreender que determinadas postagens servem como dispositivos de resistência e de combate ao racismo, a possibilidade de estabelecer determinados comentários dão aos sujeitos condições que propiciam práticas racistas como meios punitivos que não se aplicam conforme o privilégio de quem está no poder. Portanto, o racismo estrutural se sustenta a partir dos conflitos entre os sujeitos presentes nas redes sociais.

Os enunciados sobre o racismo estrutural trazem outro aspecto envolvido: o discurso de ódio. Butler (2021, p. 35) afirma que “determinados tipos de discurso não apenas comunicam o ódio, mas também constituem atos injuriosos (...). Com

isso, a autora complementa que o discurso de ódio (...) pressupõe não apenas que a linguagem age, mas que ela age *sobre* seu destinatário de maneira injuriosa”. Desse modo, os discursos presentes nas publicações das redes sociais reproduzem o racismo estrutural em determinadas circunstâncias que não apenas têm o intuito de ofender o outro, mas de afirmar que aquele sujeito não é igual no sentido de aceitação social.

Os enunciados que envolvem o discurso de ódio e o racismo estrutural não só ganham espaço para que criem outras possibilidades como também refletem as possíveis inflexões, pois o imaginário midiático traz uma parte representativa da realidade. Para Almeida (2020, p. 65), “o que nos é apresentado não é a realidade, mas uma representação do imaginário social acerca de pessoas negras”. Portanto, o discurso que apresenta o racismo enquanto condição e consequência do abismo social torna-se o reflexo das marcas em que os sujeitos estão subjetivamente apresentados em seu manifesto, seja em determinada postagem ou a partir de um comentário ofensivo.

Segundo estudos da *Trollbusters*⁷ (2019 *apud* Mello, 2020, p. 102), “o ambiente online foi transformado em arma e usa a velocidade e suas redes para montar ataques sofisticados que amplificam misoginia, sexismo, racismo, homofobia e outros discursos de ódio”. Neste sentido, a ampliação das informações também serve como ferramenta para que o discurso de ódio construa relações de similaridade a partir de certas formações subjetivas que possam ser familiares.

Se os dispositivos de poder e de controle estão espalhados no espaço das redes sociais, vale destacar que o racismo estrutural vincula o Estado à fragmentação das classes a partir de hierarquizações e de raças classificadas. Não obstante, “Foucault não trata o racismo somente como um discurso ou ideologia; para ele o *racismo é uma tecnologia do poder*, mas que terá funções específicas, diferente das demais que dispõe o Estado” (ALMEIDA, 2018, p. 114). Portanto, o discurso de ódio antecede o ato do racismo, conforme mecanismos que condicionam os sujeitos a possibilidades que regulam, vigiam e condenam os corpos negros dentro das relações sociais.

As condições que dão origem ao discurso de ódio não são únicas, nem exclusivas. Neste ponto, vale destacar que para pensar na (re) produção do racismo

⁷ Maiores informações em: <https://ijnet.org/pt-br/story/trollbusters-controle-de-pragas-online-para-mulheres-jornalistas>. Acesso em 06 de agosto de 2022.

no *Instagram*, deve haver determinadas estratégias para que a efetividade do ato seja realizada. Uma delas é o fato de que “um enunciado existe fora de qualquer possibilidade de reaparecimento; e a relação que mantém com o que enuncia não é idêntica a um conjunto de regras de utilização” (FOUCAULT, 2014, p. 108). Desse modo, pode-se compreender que o discurso de ódio não existe apenas por ser enunciado, mas pela possibilidade que está mantida com o que pode ser referido, ou seja, com a condição do sujeito enquanto capaz de sofrer o racismo em determinado momento histórico que o delimita de demais momentos ou que o especifica a partir do discurso de ódio enquanto direcionado ao seu alvo. Portanto, no próximo tópico, serão apresentadas algumas discussões acerca do *Instagram* enquanto espaço propício para que o discurso de ódio seja propagado e resulte na manutenção do racismo estrutural da sociedade.

2.4 O *Instagram* como espaço digital para a propagação do discurso de ódio

O espaço virtual tem se tornado local de diversas questões que envolvem modos de interação e de manifestos entre os sujeitos. No período dos anos 90, havia a ideia de que o cenário da internet seria pensado como uma tecnologia definida como *color blind*⁸, isto é, “[...] a internet seria um espaço virtual amplamente democrático, que permitiria às pessoas desconsiderarem diferenças raciais, diferenças sociais, sentimentos xenofóbicos, preconceitos e intolerâncias de toda ordem” (TRINDADE, 2022, p. 70). No entanto, ao considerar o avanço tecnológico e os recursos disponíveis, pode-se observar que as redes sociais revelam que os mecanismos disponíveis não são mais trazidos apenas nos aspectos textuais, de modo a propiciar maior efetividade do alcance sobre os sujeitos em acesso.

Para Lévy (2011, p. 11), “embora a digitalização das mensagens e a extensão do ciberespaço desempenhem um papel capital na mutação em curso, trata-se de uma onda de fundo que ultrapassa amplamente a informatização”. Em diálogo com o autor, pode-se inferir que as redes sociais também são vistas como uma ferramenta integrante do controle dos corpos, pois, a informatização conduz a um processo em que os sujeitos expõem opiniões não apenas pela interação textual,

⁸ Em notas referenciais, Trindade (2022, p. 159) afirma que o termo “*color blind*” significa “cego/indiferente a cores”. Ou seja, esse termo possui o objetivo de sinalizar ausência de viés de cunho racial. O autor ainda afirma que seria como dizer para enxergar a todos da mesma forma, desconsiderando a raça a qual pertence.

mas também pela aceitação do seu argumento a partir de um jogo de possibilidades discursivas.

Neste sentido, o *Instagram* surge como um espaço que cria condições de privilégio a determinados grupos, uma vez que “[...] a web é um espaço embranquecido que propicia acesso mais facilitado e maior poder aos usuários brancos do que aos usuários negros” (KETTREY; LASTER, 2014, p. 257 *apud* TRINDADE, 2022, p. 72). Ao utilizar o espaço virtual sobre determinados privilégios, o discurso de ódio ganha possibilidades de atuação que direcionam a integração dos sujeitos brancos a um “compartilhamento” que os discursos representam modos de subjetivação relativos à pertença ou a exclusão de grupos raciais a determinados espaços de poder. Nesse sentido, a posição dada ao discurso também se realiza pelo modo com que o racismo estrutural se molda conforme a organização social e também, no modo com que as redes sociais dão visibilidade a determinados conteúdos.

Para compreender o espaço digital como espaço passível para as relações de poder, é preciso ressaltar sobre o que é considerado virtual em meio ao cenário da internet. Lévy (2011) afirma que há diferença entre a realidade e a virtualidade. Para o autor:

No uso corrente, a palavra virtual é empregada com frequência para significar a pura e simples ausência de existência, a “realidade” supondo uma efetuação material, uma presença tangível. O real seria da ordem do “tenho”, enquanto o virtual seria da ordem do “terás”, ou da ilusão, o que permite geralmente o uso de uma ironia fácil para evocar as diversas formas de virtualização (LÉVY, 2011, p. 15).

O autor compreende que o virtual seria uma espécie de máscara, ou seja, que a realidade seria apenas um recorte do que deve ser mostrado, portanto, com determinado critério de apresentação. A ilusão da virtualidade cria determinadas situações em que os sujeitos se manifestam a partir de condutas que lhes permitem uma reforma de atuação e de punição. Foucault (2014, p. 82) considera que se trata de “outra política em relação às ilegalidades”, isto é, que o modo de controle sobre os corpos seja efetivo a partir de critérios específicos amplos.

Os mecanismos de acesso ao *Instagram* disponíveis são diversos. No entanto, específicos no que tange a quem pode acessar e até que ponto determinados conteúdos têm alcance. Esse poder de extensão pode ser pensado como a probabilidade que determinados discursos de ódio têm de serem viralizados.

Ao considerar as mídias sociais como um espaço em que os sujeitos podem direcionar determinados conteúdos para um alvo específico, pode-se entender que “essa tecnologia digital lhes proporcionou a capacidade não apenas de construir discursos de ódio, mas também de disseminá-los para um público muito amplo e de forma instantânea” (TRINDADE, 2022, p. 77). Ao propagar determinados discursos que estão marcados pelo racismo estrutural manifesto no discurso de ódio, os sujeitos reproduzem deliberadas convenções sociais que reafirmam o preconceito e a negação sobre a desigualdade racial sinalizada historicamente.

Conforme a intensidade do tempo em acesso nas redes sociais, o modo com que a subjetividade do sujeito se manifesta induz no que ele (não) quer ter acesso acerca de determinados conteúdos, já que “discursos de ódio disseminados nas redes sociais reverberam, sim, na vida das pessoas fora daquele espaço virtual” (TRINDADE, 2022, p. 78). Se a manifestação do discurso de ódio no *Instagram* possibilita uma identidade fora do espaço virtual, é necessário que as práticas de atuação sobre o sujeito sejam não apenas no sentido de controle ou de punição, mas também de reconhecimento.

Outro aspecto que favorece a disseminação do discurso de ódio nas redes sociais é a possibilidade de criação do perfil anônimo. No caso do *Instagram*, a facilidade para criar uma conta faz com que os sujeitos tenham a liberdade de produzir perfis considerados como fictícios para a (re) produção dos discursos de ódio, visto que, “não existem barreiras técnicas que impeçam um usuário de configurar uma conta com um pseudônimo ou apelido em vez de seu nome verdadeiro a fim de permanecer anônimo em suas comunicações” (TRINDADE, 2022, p. 79). Portanto, a criação de um perfil anônimo possibilita aos sujeitos a disseminação do discurso de ódio, em específico, para os sujeitos negros, de modo a reproduzir o racismo estrutural.

A cultura do racismo estrutural se estendeu para o campo das mídias sociais pelo fato de que elas se transformaram em mecanismos de disseminação e (re) produção do discurso de ódio como se fosse um “eco no espaço virtual” (TRINDADE, 2022, p. 86). Ademais, para problematizar os modos que realçam a presença de determinados discursos em determinados contextos, é interessante pensar que a política do anonimato não deve ser pensada como uma arma em que os sujeitos utilizam sobre o argumento da liberdade de expressão. Trindade (2022) argumenta em seu livro “*Discurso de ódio nas redes sociais*” que:

[...] muitas vezes as pessoas que se envolvem na prática de construção e disseminação de discursos de ódio na internet de forma geral, e sobretudo nas redes sociais, alegam que têm o direito constitucional à liberdade de expressão, e que a iniciativa de questionar o que eles (as) dizem no ambiente virtual representa a censura. No entanto, a falha embutida nesse argumento é que a liberdade de expressão não isenta as pessoas de responsabilidades civis e do cumprimento das normas e convenções sociais. (TRINDADE, 2022, p. 89)

Considerar o anonimato como ferramenta de proteção que manifesta o discurso de ódio parte do princípio de que ao se projetar no espaço virtual os sujeitos se isentam do seu reconhecimento físico. No entanto, não estão isentos de sua existência. Lévy (2011, p. 17) afirma que a virtualização “não é uma desrealização (a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis), mas uma mutação de identidade”. Neste sentido, o discurso proferido entre os sujeitos caracteriza-os como sendo produtos de um processo em que os contextos discursivos não possuem a concretude existencial de quem está proferindo o discurso, já que o anonimato os camuflam de sua identificação.

O *Instagram* comporta vastas possibilidades aos usuários que envolvem a facilidade de acesso em diversos dispositivos, a comunicação em larga alcance a partir das publicações, comentários e compartilhamentos e também, da veiculação de determinados conteúdos que a depender da aceitação ganham maior visibilidade e contribuem para que os algoritmos⁹ atinjam novos usuários. O problema está na isenção por conta das empresas de tecnologia, pois a alegação delas é que “disponibilizam uma ferramenta e o que os usuários fazem com ela é de sua inteira responsabilidade (ou seja dos indivíduos e não das corporações)” (TRINDADE, 2022, p. 91). Com isso, o discurso de ódio se manifesta entre o viés do argumento da liberdade de expressão e da culpabilidade transferida entre a função das empresas virtuais para o livre acesso dado aos seus usuários.

Essa isenção por parte das empresas possui um mercado de consumo de tal modo que Bauman (2010, p. 07) afirma que “o capitalismo se destaca por criar problemas e não por solucioná-los”. Nesse sentido, em diálogo com o pensador, o que se pode destacar é que o *Instagram* propicia aos usuários o consumo excessivo de determinados conteúdos. Para repensar sobre a política de uso, o usuário não

⁹ Os algoritmos são um conjunto de informações que determinam quais conteúdos e/ou informações devem aparecer primeiro para os usuários na sua linha do tempo. Maiores informações em: <https://eixo.digital/como-funcionam-os-algoritmos-das-redes-sociais/>. Acesso em 15 de agosto de 2022.

necessariamente pode ser punido de proferir um discurso de ódio, mas pode ser alertado sobre o uso suspeito de determinadas atividades, como a publicação de comentários repetitivos, o que pode ser considerado como um limite de frequência de acordo com os padrões da comunidade social.

O consumo excessivo de determinados conteúdos contribui para o crescimento econômico das plataformas sociais. Segundo Trindade (2022, p. 109-110), “discursos de ódio suscitam polêmica e elevado volume de engajamento nas redes sociais com uma infinidade de comentários, retuítes, *likes*, etc., de tal forma que, muito rapidamente, o conteúdo pode, se tornar viral”. Diante disso, a viralização por parte dos discursos de ódio surge como uma estratégia que se fundamenta na segregação racial a partir das relações de poder estabelecidas no espaço do *Instagram*. No próximo capítulo apresentamos a análise acerca da manifestação do discurso de ódio a partir dos comentários realizados em postagens do *Instagram*, bem como o racismo estrutural configurado a partir das relações de poder e dos modos de subjetivação/objetivação por parte dos sujeitos usuários da rede social mencionada.

3 RACISMO OU LIBERDADE DE EXPRESSÃO? UMA ANÁLISE A PARTIR DE COMENTÁRIOS NO *INSTAGRAM*

É preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros. (FOUCAULT, 2020, p. 31).

A discussão sobre o racismo tem se ampliado para diversos campos teóricos. Nisso, ao respaldar a necessidade de tratar de questões sobre atos que envolvem o discurso a partir do racismo estrutural, é importante perceber onde eles ocorrem e quem produz determinados enunciados. Neste sentido, ao conceber o discurso mediante os acontecimentos históricos e sociais, percebe-se que as condições que emergem sobre o discurso de ódio resultam de práticas discursivas que resgatam outros saberes, isto é, condições que possibilitam o surgimento ou a irrupção de determinados discursos. Diante disso, para iniciar a análise deste trabalho, parte-se do pressuposto de que o discurso de ódio está intrínseco ao racismo estrutural quando direcionado aos sujeitos negros, em específico, presentes em determinados comentários no *Instagram*.

Diante das teorizações trazidas nos capítulos anteriores, percebe-se que para considerar o discurso nas relações presentes entre os sujeitos que se manifestam nos comentários, há uma condição que propõe um entrelace histórico acerca de determinados enunciados que podem referir a outros já ditos. Isso quer dizer que determinados discursos que afirmam que o racismo não existe ou ainda, que é mera vitimização não são ditos ao acaso. Há uma conjuntura estrutural que marca a perpetuação destes discursos. É notável que em uma sociedade racista, a permanência de tais práticas revela o abismo social que ainda não foi superado sobre as raças.

O racismo não se limita apenas à ofensa ou a ausência de privilégios, mas pode ser pensado também sobre a imparcialidade da punição. Foucault (2014) traz uma explanação histórica acerca dos corpos que eram punidos no século XIX e que

o suplício¹⁰ não exercia mais sobre o físico, mas sobre a moralidade. Para o teórico, “a pena não mais se centralizava no suplício como técnica de sofrimento; tomou como objeto a perda de um bem ou direito” (p. 20). Ao comparar o cenário do sistema penal francês com o sistema brasileiro, percebe-se que o racismo estrutural “é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico que expressa algum tipo de anormalidade” (ALMEIDA, 2020, p. 21). Isso significa dizer que considerar a desigualdade racial como um fator comum da sociedade implica em um sistema em que os privilégios acerca da lei são exercidos para uma hierarquia vigente, isto é, aqueles que estão favorecidos de não serem punidos.

Se a branquitude possui privilégios sobre a isenção da lei, quer dizer que os sujeitos brancos estão condicionados a condenar os sujeitos negros. Esta prática se faz presente no *Instagram*, quando determinados comentários ridicularizam ou ofendem algum sujeito negro que sofre um caso de racismo ou ainda, quando algum sujeito negro ascende em determinada posição social.

A liberdade de expressão pode ser compreendida como uma estratégia política que liberta os sujeitos para que as práticas que envolvem relações de poder possam se manter a partir de condições de estrutura que se permanecem histórico-socialmente. Portanto, os sujeitos negros sofrem racismo em detrimento de um não pertencimento à sociedade, este fenômeno ocorre devido às políticas sociais que não priorizam as classes raciais inferiores.

O *corpus* selecionado para a análise desta pesquisa consiste em uma seleção de treze (13) comentários presentes em sete (7) postagens que estão contidas na página do *Instagram* Mídia Ninja. A partir da temática abordada, objetiva-se compreender dentre as estratégias discursivas e não discursivas, com o intuito de abordar sobre como que os sujeitos manifestam o discurso de ódio e (re) produzem o racismo estrutural dentro do espaço do *Instagram*. Conforme a análise proposta, serão trazidas algumas regularidades discursivas que servem como base para a realização do trabalho, como por exemplo, os modos de subjetivação e objetivação, o anonimato como ferramenta de reprodução do racismo estrutural e o discurso de ódio como dispositivo de controle dos corpos negros, que fazem com

¹⁰ Para Foucault (2021, p. 36) o suplício pode ser compreendido como uma “pena corporal, dolorosa, mais ou menos atroz [...] e acrescentava “é um fenômeno inexplicável a extensão da imaginação dos homens para a barbárie e a crueldade””. Além disso, esta punição era aplicada à vista da sociedade e com isso, as pessoas viam a execução para que fossem disciplinadas sobre as consequências que o Estado daria àquele (a) considerado (a) criminoso (a).

que os sujeitos manifestem o discurso de ódio nas redes sociais e como que este discurso emerge a partir das práticas discursivas.

3.1 Modos de objetivação/subjetivação dos sujeitos que (re) produzem o discurso de ódio nas redes sociais

O discurso de ódio pode ser estabelecido por diversas questões que envolvem discordâncias sociais. No caso do racismo estrutural, ele se manifesta a partir de ofensas e injúrias raciais que se direcionam para as pessoas negras. No *Instagram*, estes discursos constituem modos que subjetivam os sujeitos a criar um imaginário em que o negro não possui quaisquer atribuições físicas, morais, econômicas ou psicológicas. Com isso, é possível perceber este distanciamento a partir de determinados enunciados do tipo: “não é nada demais” ou ainda “que é apenas vitimismo”. Ao ressaltar tais modos de subjetivação, o que se pode afirmar é que a imagem do sujeito negro não é correspondida como capaz de ser ascendido socialmente ou ser provido de inteligência.

As vítimas do racismo estrutural são diversas. No entanto, para compreender o discurso de ódio manifestado no *Instagram*, é necessário que as publicações também sejam expostas para fins metodológicos da análise. Neste sentido, a primeira postagem contém o seguinte enunciado:

Figura 1 – Postagem 1

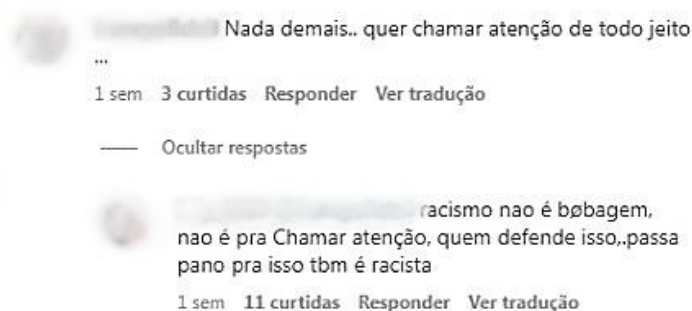


Fonte: <https://www.instagram.com/p/ChU6drrOBH8/>. Acesso em 28 de agosto de 2022.

A partir da figura acima, alguns aspectos iniciais são observados, como o fato de quem são os sujeitos envolvidos. No caso mencionado, trata-se de uma mãe negra e de um filho de três anos que estudava na escola denunciada. O caso ocorreu no estado de São Paulo no ano de 2022 e, segundo a mãe, o filho teria ido para um evento da escola cujo tema era o circo. A criança foi fantasiada de palhaço, mas ao participar do evento, as funcionárias do local colocaram uma máscara de macaco no seu rosto. O caso gerou polêmica na região e teve vários comentários na publicação. Por questões éticas, o nome dos perfis dos usuários foi omitido, para que no decorrer da análise não haja quaisquer identificações sobre os sujeitos selecionados.

Diante da publicação, diversos comentários foram realizados no *Instagram*, entre os quais há uma manifestação de discursos de ódio. Compreende-se que este fenômeno presente na internet cria um cenário que apresenta novos meios de se expressar e resgatam outros já existentes. Para entender esta projeção em um caráter discursivo, alguns comentários que envolvem a minimização do racismo estrutural surgem no espaço virtual. Um deles, publicado pelo sujeito A, diz:

Figura 2 – Comentário sobre a postagem 1



Fonte: <https://www.instagram.com/p/ChU6drrOBH8/>. Acesso em 28 de agosto de 2022.

A partir do enunciado acima, observa-se que sujeito que enuncia é marcado por formações discursivas que o molda para que, neste caso, atue no espaço virtual como aquele que pensa que o racismo não possui importância. Para compreender a presença do sujeito no espaço virtual, concordamos com Foucault (2014, p. 61) ao questionar “quem, no conjunto de todos os sujeitos falantes, tem boas razões para ter essa espécie de linguagem?” Desse modo, vale indagar sobre quem é o sujeito que considera que o racismo é algo sem relevância.

As condições em que emergem o discurso envolvem uma série de apontamentos que fazem com que a produção do racismo estrutural esteja construída sob uma teia de discursos que estiveram presentes em algum momento da história. Não obstante, o fato do sujeito A afirmar que “*quer chamar atenção*” imbrica em uma série de enunciados que podem ser relacionados, como por exemplo, o discurso de que “só porque é negro, quer ser a vítima”.

Outro ponto que pode ser observado no comentário é o fato do usuário afirmar que “*não é nada demais*”. Diante deste enunciado, pode-se questionar: o que pode ser considerado como ameaça, senão o fato do sujeito ser visto como inferior sob sua condição racial? Butler (2021, p. 52) afirma que “[...] certos tipos de enunciados, quando proferidos pelos que se encontram em posições de poder contra seus subordinados, produzem o efeito de ressubordinar aqueles a quem tais enunciados são dirigidos”. Consoante à autora, o discurso de ódio apresentado no comentário destaca a necessidade de afirmar indiretamente que o fato de não ser nada demais, pode ser concebido como uma naturalidade em que os sujeitos brancos tentam manter a posição de marginalidade e que os povos negros estão marcados historicamente. Não obstante, o discurso de que “*não é nada demais*” faz com que o sujeito em questão afirme que o racismo estrutural é aceitável e que faz parte de uma normalidade social. Além disso, o “*nada demais*” pode ser interpretado com o algo em que “ele vê todos os dias e que não causa mais espanto”.

É importante observar o comentário que revida o discurso racista quando afirma que “*quem passa pano para isso*” – no caso, para a publicação feita no *Instagram* – “*também é racista*”. A partir deste enunciado, percebe-se como que o elemento linguístico “*também*” configura uma materialidade histórica acerca de como que os sujeitos estão marcados pela visão do negro enquanto aquele que foi e ainda é oprimido socialmente. Desse modo, a desconstrução do imaginário racista se dá pelo combate ao próprio discurso que é produzido dentro das redes sociais e que, ao afirmar que não é brincadeira, cria uma tensão sobre as próprias estruturas sociais, já que o racismo estrutural não existe apenas na contemporaneidade, mas que deriva de períodos passados e carregados de segregação e privação de direitos dos negros.

O discurso de ódio reafirma a noção de superioridade imposta por quem produz o ato. Dessa forma, o comentário exposto pelo sujeito A mostra que a sua posição de poder se encontra em uma hierarquia de dominância em que, ao mostrar

que o sujeito sofreu racismo na escola e que este caso é naturalmente comum, tal discurso constrói dentre as relações de saber e poder, um “[...] sistema de exclusão” (FOUCAULT, 2014, p. 20). Esta organização não está restrita apenas à separação entre o privilegiado e o subordinado, mas que revelam em seu jogo o desejo e o poder, de tal maneira que “são os discursos eles mesmos que exercem seu próprio controle” (FOUCAULT, *idem*).

Conforme a relação entre o sujeito que produz o comentário e o sujeito negro exposto na postagem, os modos de subjetivação fazem com que o ideário de uma branquitude vigente se posicione como aquelas que afirmam ser uma raça dominante. Esta construção se sustenta a partir do processo escravocrata que submeteu os povos negros após a escravidão à precariedade social e à privação de direitos. A partir do período pós-escravocrata, a sociedade criou a imagem do negro enquanto inferior e, desse modo, reflete-se na exposição do sujeito presente na postagem que, quando colocado em evidência sobre o discurso racista que lhe é atribuído, o comentário mascara a desigualdade social a partir da tentativa de naturalização. Ou seja, o controle dos corpos se constrói a partir das relações de poder que se sustentam conforme os modos de subjetivação a partir de quem possui maior privilégio e de quem está posto à subordinação.

A ação sobre o outro se revela a partir da especificidade do acontecimento, ou seja, não é qualquer pessoa que foi criticada por querer chamar a atenção, mas especificamente, uma pessoa negra. Butler (2021, p. 54) afirma que “quem enuncia o discurso de ódio é responsável pela maneira como ele é repetido, por reforçar esse tipo de discurso, por restabelecer contextos de ódio e de injúria”. De acordo com a autora, para que determinado enunciado seja posto em evidência sobre o seu caráter injurioso, é necessário que haja um elo entre o caráter moral do sujeito e a origem do discurso como um processo em que ao reestabelecer condições emergentes sobre determinado enunciado, o sujeito passe a ter a responsabilidade implicada em seu ato. Para compreender sobre as condições de emergência sobre determinados enunciados, a imagem a seguir traz um fato ocorrido com o vereador Renato Freitas acerca de um caso de racismo que resultou na cassação de um membro da câmara:

Figura 3 – Postagem 2



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CfG0YoSupYW/>. Acesso em 29 de agosto de 2022.

O caso do vereador Renato Freitas (PT) ocasionou uma série de comentários nas redes sociais, dentre elas, no *Instagram*. O membro da câmara recebeu diversos ataques e, dentre eles, um *e-mail* enviado por outro funcionário que dizia que ele devia “voltar à senzala”. Além disso, o documento apresentava o seguinte enunciado: “vamos branquear Curitiba e a região Sul, queira você ou não”¹¹.

Para situar o contexto acerca da publicação, é preciso destacar que houve uma manifestação em que Renato participou em busca de justiça pela morte do congolês Moïse kabagambe e Duval Teófilo Filho. Este protesto ocorreu na Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Nisso, diversos membros da câmara alegaram que ele cometeu o crime de Quebra de Decoro¹² e que teria o seu mandato cassado. Após alguns imprevistos sobre a decisão, Renato foi cassado pela segunda vez e foi alvo de inúmeros comentários na internet.

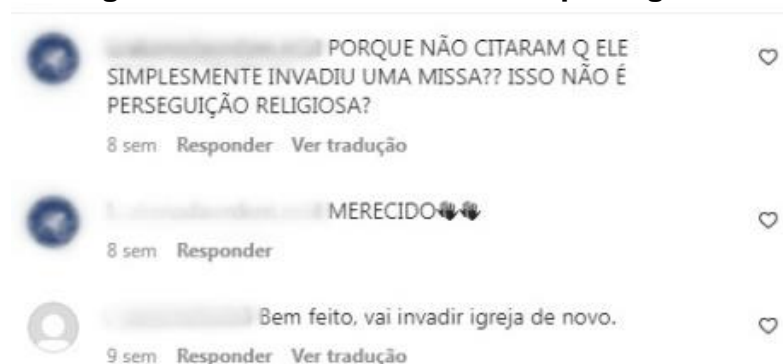
Dentre os diversos comentários, alguns alegaram que a decisão foi merecida, pois ele teria “invadido uma instituição religiosa”. Nesse sentido, o sujeito mudou a sua posição de político e passou a ser caracterizado como “vândalo”. Almeida (2021, p. 136) afirma que “o racismo é uma relação estruturada pela legalidade”. Nesse

¹¹ Maiores informações em: <https://contrafcut.com.br/noticias/em-decisao-racista-renato-freitas-e-cassado-pela-segunda-vez/>. Acesso em 30 de agosto de 2022.

¹² A quebra de decoro consiste em determinada irregularidade acerca das normas estabelecidas pela câmara. Estas normas são concebidas a partir de questões éticas sobre os cargos exercidos. Maiores informações em: <https://diarionordeste.verdesmares.com.br/ultima-hora/seu-direito/decoro-parlamentar-o-que-e-e-como-quebra-lo-pode-levar-a-punicao-e-ate-a-cassacao-do-mandato-1.2978742>. Acesso em 30 de agosto de 2022.

sentido, a percepção sobre a conduta do sujeito não foi considerada a partir do senso de justiça social, mas como fundamento voltado para a particularidade do indivíduo. Isso significa dizer que a decisão acerca da sua cassação foi pelo fato de sua posição social confrontar a hierarquia considerada como branca e cristã.

Figura 4 – Comentários sobre a postagem 2



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CfG0YoSupYW/>. Acesso em 30 de agosto de 2022.

Os dois primeiros comentários foram realizados pelo sujeito B e afirmam que a perda do mandato foi merecida. O que deve ser levado em conta é que a cassação não foi apenas por um protesto que foi realizado, mas um ato que para os cidadãos considerados cristãos, fere a sua dignidade religiosa. Foucault (2014, p. 35) propõe que os discursos são controlados por alguns procedimentos, dentre eles, a possibilidade de “determinar as condições de seu funcionamento, de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e assim, de não permitir que todo mundo tenha acesso a eles”. Com isso, segundo o autor, para que estas regras estejam estabelecidas, é preciso que as relações de poder criem mecanismos que deem às hierarquias modos de organização social. No caso dos comentários expostos, esta estrutura pode ser compreendida como um discurso do tipo “não ataque a minha religião, ou você será punido por isso”. Portanto, o sujeito B mostra que o Renato mereceu de fato ser cassado e reforça no comentário o seu posicionamento a partir da inserção de *emojis* com palmas, para confirmar os aplausos diante da decisão tomada pela câmara.

O terceiro comentário da figura 4 foi publicado por outro sujeito. Diante do que é dito, percebe-se o discurso de ódio demonstrado a partir do viés religioso como justificativa. Este enunciado carrega uma “polícia discursiva” (FOUCAULT, 2014, p. 34) que faz com que o sujeito C siga determinadas normas para que os discursos

sejam exercidos e considerados como valores de verdade. Diante disso, ao observar o enunciado do tipo “*bem feito*”, percebe-se como o sujeito é subjetivado acerca do caráter da fé. Este ideal parte do processo histórico colonizador, que tinha a igreja como pilar no processo de exploração escravocrata. Esses paralelos históricos são necessários para compreender que, embora, o momento histórico seja distinto, a objetivação dos corpos precisa ser estabelecida para que as organizações estruturais permaneçam entre o direito e a religião como princípios da ordem social.

Segundo informações da própria igreja¹³, o protesto foi de forma pacífica e não interferiu na celebração da missa. Além disso, a arquidiocese solicitou para que o mandato não fosse cassado. A nota emitida pela paróquia contraria o comentário realizado pelo sujeito C, já que ele considera que um sujeito como Renato não merece estar no cargo ocupado, pois ao ter realizado uma manifestação, a sociedade atribui uma visão acerca do imaginário da marginalidade dos povos negros uma vez que por ocuparem uma dada posição social de poder, não devem descumprir às ordens daquilo que está normalizado na hierarquia dos brancos.

Esses modos de objetivação/subjetivação ativam outras memórias acerca do que já foi dito, ou seja, cria condições suficientes para (re) ativar outros momentos em que algum acontecimento possibilitou a produção de determinado enunciado. Com isso, ao atribuir comparações que podem estar presentes na história, o sujeito se manifesta como alguém que transita entre os acontecimentos do discurso e que, segundo Figueiredo e Góis (2021, p. 158), a partir da fala, “emergem desdobramentos discursivos”.

Para conceber o enunciado de que foi “*merecido*” como uma construção do discurso de ódio, vale ressaltar que no ato de injúria, o sujeito se posiciona como aquele que possui plena consciência acerca de seu lugar. Com isso, ele está objetivado a reproduzir práticas (in) conscientes que manifestam sobre o seu privilégio de nunca ser considerado como alguém que é rotulado como marginal. Bento (2022, p. 56) afirma que “a ampliação das vozes negras que denunciam a apropriação dos bens materiais e imateriais da sociedade pelos brancos e clamam por justiça e reparação ameaçam a supremacia branca”. De acordo com a teórica, para ocupar determinadas posições de poder, os sujeitos precisam criar novos

¹³ Vide nota 9.

modos de organização e, no caso da integração dos sujeitos negros, este poder precisa ser reavaliado.

Ao retomar para o sujeito C, pode-se levar em conta o fato de que do discurso religioso ser posto em evidência a partir do ato realizado pelo vereador. Este ponto deve ser analisado a partir daquilo que Foucault (2014) discute sobre as doutrinas religiosas. O teórico compreende que os fenômenos “constituem o inverso de uma sociedade do discurso: nesta, o número dos indivíduos que falavam, mesmo se não fosse fixado, tendia a ser limitado; e só entre eles o discurso podia circular e ser transmitido” (FOUCAULT, 2014, p. 39). Nesse sentido, a manifestação do discurso de ódio se sobressai a partir do momento em que Renato viola os princípios que, para determinada crença, são aceitos como verdades.

A partir do momento que o discurso sobre a manifestação do vereador é posto dentro de uma dispersão de acontecimentos que especifica o enunciado em razão de outros, há uma tentativa de inversão, “o que mostra que a ambiguidade do sujeito ser constituído pelo poder e usar do mesmo poder, como sua própria condição, é algo que está sempre presente” (FURLIN, 2013, p. 398).

As redes sociais se tornaram um espaço em que as práticas discursivas possibilitaram novas emergências a partir do desejo e do poder. Esta facilidade pode ser observada a partir de uma publicação em que o sujeito pode estar em alguma posição de poder conforme a resposta dada a partir do discurso injurioso. Nesse caso, para que o enunciado atribua um valor de verdade, precisa estar ascendido em uma condição que evoca vozes que não foram ditas, ou, que não foram possibilitadas de serem produzidas.

Outra postagem que é trazida para a análise se refere ao sambista Luiz Antônio Feliciano Marcondes, também conhecido como “Neguinho da Beija Flor”. Neste caso, houve uma entrevista na rádio Jovem Pan em que a comentarista Zoe Martínez realizou declarações racistas sobre a sua imagem.

Figura 5 – Postagem 3

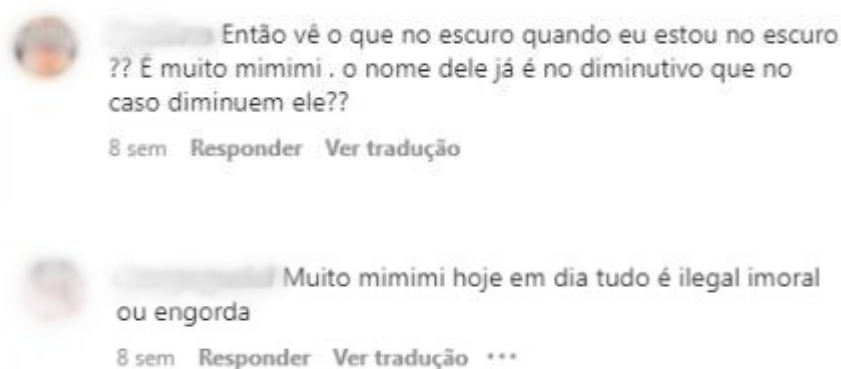


Fonte: <https://www.instagram.com/p/CfbvS3gOGhx/>. Acesso em 30 de agosto de 2022.

Na postagem acima, a comentarista afirma que na escuridão só pode ser vista a gengiva do cantor. Conforme a produção do enunciado exposto, ao afirmar que só vê esta parte da cavidade bucal, a comentarista da emissora faz com que a sua percepção acerca da existência do sambista seja anulada ao apagar a luz. Portanto, o sujeito considera que se alguém não é visto, ele não está naquele lugar e que o que faz com que perceba a sua presença é apenas o ato de sorrir e de mostrar os seus dentes.

É importante considerar que, conforme a exposição de enunciados que revelam o caráter sobre o racismo nas redes sociais, a ampliação dos discursos é considerada para que o poder permaneça dentro das relações entre os sujeitos. Diante disso, ao revelar a subjetividade presente a partir da comentarista, a única coisa considerada como clara é a boca quando está aberta e que como consequência, descarta toda a relevância social sobre quem é o Neguinho da Beija Flor. Não obstante, o discurso de ódio reativa condições de superioridade e determina que o sujeito, no caso do Neguinho da Beija Flor, embora seja nacionalmente conhecido, é descartado de sua posição apenas pelo caráter racial. Os sujeitos que reproduzem o discurso de ódio afirmam veemente sobre os casos de racismo tratando-os como vitimismo, conforme mostram as figuras abaixo:

Figuras 6 e 7 – Comentários sobre a postagem 3



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CfbvS3gOGhx/>. Acesso em 31 de agosto de 2022.

Ao analisar os comentários acima, percebe-se uma questão em comum: o argumento do “*mimimi*”¹⁴. Esta expressão se tornou frequente nas redes sociais, e passou a ser usada para referir a alguém como aquele que reclama demais. Nestes casos, há um efeito que constrói o sentido pejorativo acerca do outro, já que os sujeitos que produziram os dois enunciados manifestam o discurso de ódio por um viés mais generalizado sobre os sujeitos negros. Portanto, o *mimimi* surge como uma prática discursiva que considera as lutas sociais de igualdade como uma birra e, com isso, não possui relevância para o debate público.

Batista (2018, p. 2585) afirma que “qualquer negro é diretamente ligado à África, sendo considerado evoluído apenas a partir da miscigenação com brancos ou contados com estes”. Diante da afirmação da autora, pode-se afirmar que o comentário do sujeito D visa deslegitimar a ofensa a partir da tentativa de ironizar o preconceito com o outro, como se o cantor tivesse o seu nome de neguinho por “auto vitimização”. No caso do segundo comentário, a afirmação do “*hoje em dia*” reafirma a noção de que as estruturas sociais passaram a se impor contra os sistemas de poder, ou seja, a resistência ao poder passou a ser exercida de modo que “o sujeito transforma-se, fazendo com que os seus modos de subjetivação estejam ligados ao seu comportamento no ambiente em que estão inseridos” (PEREIRA SILVA, 2021, p. 28).

Para indagar sobre o nome no diminutivo, o sujeito D traz este questionamento a partir de uma comparação acerca das qualidades físico-morais. Neste sentido, Foucault (2020, p. 108) afirma que “um nome se define pela

¹⁴ Para maiores informações sobre este termo: <https://jornalsemanario.com.br/vamos-de-mimimi/>. Acesso em 31 de agosto de 2022.

possibilidade de recorrência”. Em diálogo com o teórico, ao retomar os comentários expostos, percebe-se que a nomeação surge a partir de regras de utilização que singularizam o sujeito historicamente, ou seja, o fato do sambista ser intitulado como “Neguinho” não quer dizer que a sua condição racial está limitada ao caráter linguístico do nome que lhe é atribuído. Portanto, o discurso de ódio estabelece modos de subjetivação/objetivação para que os sujeitos tenham a condição de produzir determinados discursos acerca dos seus privilégios e que as marcas subjetivas transitem a partir das relações de poder estruturadas. Dentre as formas de produção do discurso de ódio para a cultura do racismo estrutural, será tratado no próximo tópico, o anonimato presente a partir de comentários que se manifestam por sujeitos em forma de perfis sem foto ou descrição que os identifiquem e que reproduzem o racismo estrutural no *Instagram*.

3.2 O anonimato como ferramenta de reprodução do racismo estrutural

Diante dos modos com que os sujeitos interagem e apresentam as suas opiniões nas redes sociais, há alguns pontos que são postos em questão acerca de como que o discurso de ódio se manifesta, dentre eles, o anonimato. Este ato consiste na “condição em que o remetente ou fonte de informação está ausente ou não é identificável” (TRINDADE, 2022, p. 80). Para a reprodução de determinados enunciados que atingem o outro no viés do racismo, é importante compreender que as relações de poder, ao transitarem, manifestam o discurso de ódio em uma condição que impede o sujeito de ser retraído ou combatido, já que as redes sociais possibilitam que ele não esteja nomeado sob seu comentário.

Ao analisar o discurso de ódio manifestado de forma anônima, outra ferramenta que é disponibilizada pelo *Instagram* é a questão de possibilitar aos usuários a criação de páginas que não necessitam de identificação pessoal. Este recurso tem sido usado com frequência para que os sujeitos estejam em uma isenção de serem confrontados sobre a sua responsabilidade com o discurso racista, ou seja, que eles não possam ser identificados sobre determinados comentários que são produzidos.

Em razão do exposto, se as redes sociais possibilitam que o sujeito produza discursos de ódio sem ser identificado, significa que o *Instagram*, por exemplo, “representa uma espécie de *pelourinho moderno* que permite aos defensores da

supremacia branca se engajarem em *chicotadas virtuais*, as quais são representadas pelos discursos racistas” (TRINDADE, 2022, p. 117). Segundo a ideia defendida pelo pesquisador, o cenário virtual passa por um processo de ressignificação, que neste caso, amplia os modos de subjetivação dos sujeitos acerca de como punirem determinados grupos minorizados, pois, ao extinguir o cenário físico da escravidão, a produção do racismo estrutural permanece pelo viés da injúria e da ofensa feita pelo discurso de ódio nas redes sociais. A próxima postagem traz mais um caso de racismo, desta vez, ocorrido com Lumena, ex-integrante do Big Brother Brasil 21, em que foram jogados sacos de fezes na sua residência:

Figura 8 – Postagem 4



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Ce6lShCOXjU/>. Acesso em 01 de setembro de 2022.

A partir da publicação, percebe-se como a imagem de uma mulher que ascendeu em uma posição social é tratada apenas por ser negra. Foucault (2010, p. 217) afirma que “se a violência for grande, há o risco de provocar revoltas; ou, se a intervenção for muito descontínua, há o risco de permitir o desenvolvimento, nos intervalos, dos fenômenos de resistência, de desobediência”. Neste caso, a violência ultrapassa o nível do ato físico para a ridicularização moral. Ao observar os comentários presentes na postagem, destacam-se dois deles que trazem a questão do riso como meio de ridicularização sobre a postagem de Lumena, conforme é apresentado a seguir:

Figuras 9 e 10 – Comentários sobre a postagem 4



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Ce6lShCOXjU/>. Acesso em 02 de setembro de 2022.

O primeiro comentário apresenta uma série de letras repetidas (*kkkkkkkk*), a fim de representar graficamente que o caso de racismo foi engraçado. Em seguida, o discurso de que “*ela merece*” pode ser comparado com outros já existentes, a partir do imaginário de que pessoas negras devem sofrer. Neste caso, o sujeito E mostra que Lumena merece passar por isso como uma forma de ser punida pelos seus atos durante o período em que foi participante do *reality Big Brother Brasil 2021*. Além disso, a expressão “*ainda*” retoma a ideia de que mesmo que tenha passado um tempo, após a sua eliminação do *reality*, as pessoas não se esquecem dos fatos ocorridos.

É importante trazer à tona os modos com que os sujeitos manifestam o discurso de ódio pelo anonimato, pois, ao acharem que não podem ser identificados, criam um sentimento de autoridade que, segundo Trindade (2022, p. 82) “[...] também faz com que se sintam “empoderadas”, por assim dizer, a destilar ódios sem freios ou reservas contra qualquer pessoa ou grupo social”.

No segundo comentário, percebe-se que o sujeito F apresenta uma série de *emojis* repetidos, que representam a expressão “chorando de rir”. Diante disso, ressalta-se que há uma historicidade acerca do racismo a partir do viés do riso, já que “as piadas e os misticismos são importantes veículos de propagação do racismo, pois é por meio da cultura popular que haverá a naturalização da discriminação no imaginário social” (ALMEIDA, 2021, p. 69). Para que o sujeito conduza o comentário como algo que foi apenas engraçado, é preciso rever os momentos da história em que determinados discursos se referiam ao negro como engraçado sobre sua imagem ou sobre o que acontecia com ele.

É preciso reconhecer que tais discursos também apresentam algum objetivo que está marcado pela intenção do autor. Estes objetivos se referem ao porquê da escolha daquela produção e não de outra. Neste sentido, ao retomar ao comentário

em discussão, os risos levam a questionar sobre esta intenção autoral, mas ao mesmo tempo, revela que dentro do jogo de suas relações, a naturalidade do racismo se dá a partir do pensamento de que foi apenas engraçado e que não é nada demais.

O fator motivacional do racismo estrutural é a crença (limitada) acerca de que a liberdade de acesso implica na liberdade de expressão. Contudo, o que os sujeitos não levam em consideração são as políticas de privacidade e, ao manifestar determinados discursos de ódio, reproduzem esquivas virtuais como o fato de trocar algumas letras de determinados nomes injuriosos por símbolos (um exemplo é a troca da letra A pelo @).

A próxima postagem traz a questão das mulheres negras dentro da política e aponta para a reflexão acerca da tentativa de integração nos espaços de poder, conforme mostra a imagem:

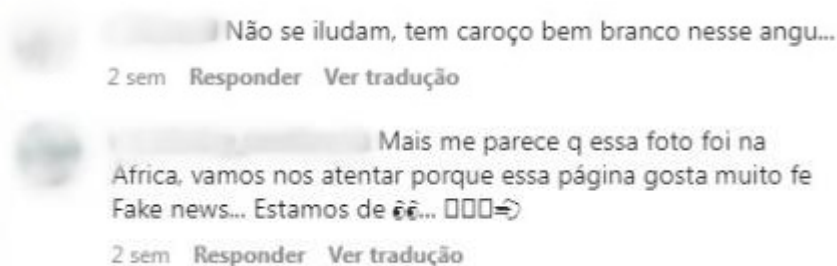
Figura 11 – Postagem 5



Fonte: <https://www.instagram.com/p/ChVqpVTJe1J/>. Acesso em 03 de setembro de 2022

Diante da postagem, diversos comentários foram favoráveis à candidatura das mulheres negras, embora o enunciado retrate a de pessoas negras como um todo. Neste sentido, percebe-se como a leitura midiática acerca da imagem influencia os usuários na produção de determinados discursos, pois os usuários se sentem mais engajados naquilo que está exposto em primeira mão, isto é, na imagem. No entanto, alguns comentários também surgem a fim de minimizar a causa dos sujeitos negros, como mostram as imagens abaixo:

Figuras 12 e 13 – Comentários sobre a postagem 5



Fonte: <https://www.instagram.com/p/ChVqpVTJe1J/>. Acesso em 03 de setembro de 2022.

Diante dos comentários acima, pode-se compreender que existem algumas regras do direito que visam produzir determinados efeitos de verdade e para isso, indaga-se sobre “que tipo de poder é capaz de produzir discursos de verdade dotados de efeitos tão poderosos?” (FOUCAULT, 2010, p. 179). De acordo com a ideia supracitada, existe um funcionamento do poder que não se dá de qualquer forma, mas a partir das relações de poder que são estabelecidas conforme a manifestação do discurso. Neste sentido, os comentários acima trazem indagações acerca do caráter de verdade atribuído aos sujeitos a partir do momento em que questionam sobre a intenção das candidaturas negras, ou ainda, sobre a evidência da foto tratar de sujeitas negras de uma sociedade brasileira.

O comentário do sujeito G impõe aos usuários uma dúvida sobre a identidade das mulheres enquanto negras na bancada de representantes a se candidatarem. Ao dizer que “*não se iludam*”, o sujeito em evidência manifesta uma tentativa de fazer com que as pessoas desacreditem de uma realidade que visa confrontar a hegemonia branca, heteronormativa e patriarcal dentro do cenário político. Com isso, ao questionar sobre o papel de pessoas na política, o sujeito visa valer de um discurso de verdade acerca da sua soberania enquanto branca.

O segundo comentário apresenta uma comparação entre as mulheres que são apresentadas na figura 11 e os povos africanos como uma tentativa de questionar a veracidade da imagem para fins de disseminação de notícias falsas. O que pode ser observado é a questão de como que o sujeito apresenta uma força histórica no discurso que pode comportar determinadas instâncias acerca do já dito a partir do enunciado “*estamos de “olho”*”¹⁵. Nisso, o sujeito H convida os demais

¹⁵ Para didatizar a análise, a expressão “olho” apresenta-se em aspas como tradução semiótica do emoji presente no comentário exposto.

usuários a entrarem em uma vigilância racial, devido ao fato de que, o perigo não se trata principalmente da notícia ser falsa, mas da imagem representada.

Para entender melhor sobre como que o racismo estrutural pode ser marcado a partir do anonimato, é preciso compreender que as práticas sociais criam uma unidade de sentido a partir de múltiplas formas de atuação. Estes modos irão revelar como que os sujeitos se manifestam e, sobretudo, como que estes se revelam no discurso de ódio a partir de suas relações com os outros, dentro uma política de controle voltada para os corpos negros, temática que será explanada no tópico a seguir.

3.3 O discurso de ódio como dispositivo de controle sobre os corpos negros

Os efeitos do discurso de ódio são moldados a partir de práticas que instituem os sujeitos a determinadas normas acerca de como que as raças são organizadas socialmente. Não obstante, este imaginário estrutural objetiva hierarquizações para que se estabeleçam condições de privilégio específicas para grupos hierarquizados. Ao retratar o discurso de ódio nas mídias sociais e considerá-las sob o olhar do sujeito negro a partir da injúria racial, pode-se compreender como determinados modos de subjetivação preservam práticas discursivas para que as relações de poder estejam postas em funcionamento.

Os comentários presentes no *Instagram* podem servir como uma reutilização destas estruturas, já que a manifestação de um sujeito provém de um lugar que não está marcado por uma particularidade, mas por uma conjuntura histórica e social que reflete em suas condutas “para que o poder funcione, com efeito, sempre na mesma direção: do branco em direção ao negro (...) e assim por diante”. (FIGUEIREDO E GÓIS, 2021, p. 167). Estas condutas fazem com que as práticas discursivas criem mecanismos para que o outro esteja marcado sobre a sua qualificação física, e deste modo, esteja presente em um dado momento histórico que remonta a outros tempos que ocorriam a mesma determinação, no caso do período escravocrata. O discurso de ódio também se manifesta a partir de convenções acerca de como as raças inferiores são consideradas como menosprezadas na sociedade, como por exemplo, o caso a seguir de um homem que fazia a leitura de Hitler em uma biblioteca, conforme se observa abaixo:

Figura 14 – Postagem 6



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CgzG6VNOOPT/>. Acesso em 03 de setembro de 2022.

Diante da publicação, percebe-se como que as sociedades constroem estratégias para tornar o que Foucault (2014) define como sociedade disciplinar. Estas organizações se moldam a partir do sujeito envolvido em classes dominantes, a fim de preservar os seus ideais enquanto verdadeiros e aceitáveis sobre determinada ótica.

A partir da publicação acima, diversos comentários foram realizados no *Instagram*. Nisso, destaca-se um deles que problematiza a questão do sujeito estar com um livro de Hitler na biblioteca, conforme a imagem abaixo:

Figura 15 – comentário sobre a postagem 6



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CgzG6VNOOPT/>. Acesso em 03 de setembro de 2022.

Ao partir para o comentário em destaque, percebe-se que o sujeito I traz à tona a questão da liberdade individual do sujeito. Contudo, ao observar o cenário que envolve o ato racista, quem são os sujeitos envolvidos e quais fatores motivaram o acusado a proferir o discurso de ódio, pode-se depreender de que não se trata especificamente de uma leitura realizada em uma biblioteca, mas uma

leitura específica a partir de um momento preciso e que possui um discurso direcionado para um público alvo: os sujeitos negros e gays.

Este comentário chama a atenção para dois apontamentos: O primeiro é que, ao considerar determinado discurso, o sujeito expõe dentre as suas relações aquilo que está marcado sobre sua subjetividade e o objetiva a reproduzir outros discursos. Em segundo lugar, está a evidência do contexto que influencia na produção do discurso em determinado momento. No caso do sujeito da biblioteca, aquele momento em específico que mostra a leitura escolhida, pode influenciar na produção do enunciado que produz o discurso de ódio. No caso do sujeito I, não há uma compreensão sobre o fato de que a leitura específica de Hitler esteve presente como suporte para a evidência do imaginário do sujeito sobre os negros e gays.

O fato de questionar sobre o porquê de não poder ler determinado livro em uma biblioteca faz com que os modos de controle do corpo na sociedade ajam a fim de repensar tais condutas que confrontam os ideais de uma hierarquia branca existente e arraigada historicamente, já que “uma das formas de manter a “discrição” a respeito da existência desse racismo é negar a existência do racismo para que a aparente unidade social permaneça” (FIGUEIREDO E GÓIS, 2021, p. 168). Desse modo, ao questionar a liberdade de escolha sobre a leitura, o sujeito I nega a gravidade da situação, pois o que está exposto no seu enunciado é apenas a possibilidade de que o homem da biblioteca pode ler qualquer coisa, sem considerar que o discurso de ódio pode resultar de uma condição emergente de outros discursos.

Outro aspecto que é observado no comentário em questão é o uso do verbo na primeira pessoa: *posso*. Esta escolha pode ser interpretada como um modo do qual o sujeito compartilha do mesmo sentimento do acusado e que, a partir do seu discurso, não existe racismo ocorrido, pois o que chamou a atenção foi o fato do livro exposto ter sido comentado em maior frequência na publicação.

Neste sentido, pode-se afirmar que o discurso de ódio não se manifesta apenas na ofensa ou na injúria, mas também no argumento da irrelevância acerca da gravidade do ato. Portanto, estes dispositivos atuam como mecanismos em que, ao colocar em jogo as relações de poder entre determinadas raças, é preciso que haja um controle hierarquizado acerca da pertença e da dominação. Foucault (2010, p. 183-184) afirma que “o indivíduo é um efeito do poder e simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, é seu centro de transmissão”. Diante disso, as relações

que pairam em torno do discurso de ódio estão envoltas nos efeitos produzidos a partir da influência que o poder exerce. Este ponto pode ser observado a partir da próxima postagem:

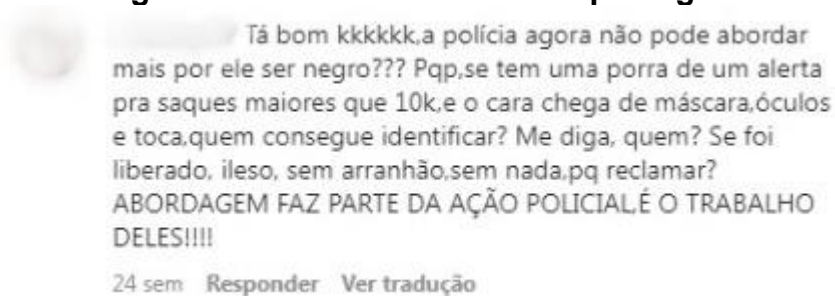
Figura 16 – Postagem 7



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Ca7KkXPOzWE/>. Acesso em 03 de setembro de 2022.

Ao observar a postagem, nota-se que a prisão do diretor ocorreu por sua aparência física acerca da raça. Este ponto deve ser posto em análise, pois ao considerar a perspectiva histórica da pós-escravatura, alguns mitos foram criados e instaurados, como por exemplo, o imaginário social sobre o bandido negro. Estas práticas fazem com que o tratamento policial seja diferente conforme a identidade considerada como suspeita. Não obstante, os usuários alegaram em alguns comentários que a prisão foi necessária, pois a atividade foi suspeita e que a quantia em dinheiro para o saque era alta, conforme será exposto no comentário a seguir:

Figura 17 – Comentário sobre a postagem 7



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Ca7KkXPOzWE/>. Acesso em 04 de setembro de 2022.

Ao observar o comentário acima, percebem-se algumas questões a serem analisadas. A primeira delas é a questão do sujeito manifestar sua insatisfação acerca da publicação, pois, se ele foi liberado e sem nenhuma agressão, não precisaria de nenhuma reclamação. Almeida (2021, p. 136) explica que “[...] a sociedade é composta de muitas relações, e obviamente nem todas são jurídicas”. Isso significa dizer que o tratamento social imposto aos negros não é atribuído da mesma forma que aos brancos, pois se o Estado cria privilégios que não envolvem as raças minoritárias, então o direito à lei também é revogado em certos casos, embora o sujeito pertença a determinado local de prestígio.

O segundo ponto a ser abordado se trata do modo com que o sujeito J afirma que a abordagem faz parte do trabalho dos policiais. Neste viés, percebem-se como os discursos circulam sobre esferas sociais que se interligam através de outros dizeres, pois ativa um entrelace discursivo que se baseia na “[...] luta por espaço de poder” (FIGUEIREDO E GÓIS, 2021, p. 170). Este enunciado pode ser pensado a partir do viés histórico de que as hierarquias dominantes impõem sobre os grupos minoritários à obediência e à ordem. Portanto, ao afirmar que faz parte do procedimento padrão da polícia, o sujeito evidencia a sua posição no sentido de que, ao considerar possíveis enunciados, podem ser remetidos a “não questione a nossa lei, pois é como o suspeito deve ser tratado”.

Estes dispositivos agem como uma tentativa de naturalidade do racismo a partir da generalização da circunstância. Com isso, o sujeito visa mostrar que o procedimento policial se torna padronizado, independente da raça. Desse modo, a hierarquia visa desconstruir os conflitos existentes entre o racismo estrutural de modo a manter no discurso de ódio o distanciamento e o abismo das classes por meio da desigualdade social.

Ao sustentar uma hegemonia dominante, os sujeitos brancos criam uma política sobre os corpos negros que, quando postos em manifestação no espaço das mídias sociais, são necessitados de reafirmar os seus privilégios. Com isso, o discurso de ódio reverbera a partir da possibilidade de integração nos diversos campos de interação e, quando possibilitados, criam condições em que o racismo surge como prática divisória das raças. Neste sentido, Foucault (1979, p. 246) afirma que o dispositivo surge como “[...] estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles”. Portanto, ao evidenciar no discurso de ódio que o diretor não pode reclamar do tratamento recebido, o sujeito busca um valor de

verdade que é passível de ser acatado conforme condições específicas de produção que envolvem modos de objetivação sobre a visão do negro enquanto inferior.

Nesse sentido, embora o sujeito J tente afirmar o contrário, isto é, que não existe distinção de tratamento pela polícia, há uma tentativa de mostrar que a punição não foi exclusivamente pelo diretor ser negro, mas pela questão da própria conduta de abordagem que faz parte dos procedimentos de segurança. Desse modo, os dispositivos de poder colocam em jogo as relações entre os sujeitos de tal maneira que o racismo estrutural permanece sobre uma emergência histórica e que se sustenta nas próprias práticas discursivas.

No decorrer do capítulo, pôde-se constatar que os modos de subjetivação reforçam práticas que, historicamente, retornam à memória dos sujeitos que proferem o discurso de ódio acerca do abismo social que está marcado pelas práticas racistas. Com isso, a partir dos dados observados, percebe-se como a facilidade de acesso e de propagação de determinados discursos fazem com que o cenário virtual do *Instagram* possibilite a isenção de suas políticas de responsabilidade sobre os usuários e que os sujeitos exerçam a sua própria punição a partir da culpabilidade do outro, objetivando os corpos negros como aqueles que são negados de sofrerem racismo, pois a justificativa se sustenta em uma situação como sendo passível de acontecer com qualquer pessoa.

Além disso, ao considerar os casos de racismo com as mulheres negras, observa-se como a fragilidade sexual serve como aporte para a manifestação do discurso de ódio, já que os critérios de uma hierarquia branca também se sustentam no patriarcado, isto é, no homem enquanto superior às mulheres. Desse modo, as mulheres são marcadas por sua condição racial e também sobre a sua sexualidade. Estes discursos transitam a partir de condições históricas que emergem e se dispersam a partir da produção dos sentidos estabelecidos conforme as relações de poder que circulam nas redes sociais, sobretudo, no *Instagram*.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O racismo estrutural perpetua na sociedade desde os legados da colonização portuguesa e o período escravocrata. No entanto, as práticas sociais persistem de modo a criar o abismo social que distancia o negro da sua dignidade e do seu direito à pertença. Este distanciamento tem se alastrado principalmente para o espaço virtual, visto que os sujeitos têm intensificado o acesso e o consumo de determinados conteúdos. Como consequência, o discurso de ódio expandiu veemente, sobretudo para a propagação do racismo estrutural no *Instagram*.

Diante do exposto, a presente pesquisa propôs investigar como o racismo estrutural e o discurso de ódio se manifestam no *Instagram* e como que estas práticas discursivas e não discursivas reforçam o imaginário acerca do abismo social sobre os povos negros, condenados à margem. Nisso, compreende-se que a necessidade de tal problemática merece ser considerada, embora continue presente entre debates e discussões. Portanto, a pesquisa teve como objetivo geral analisar o discurso de ódio e o racismo estrutural a partir de comentários presentes nas postagens da página do *Instagram* Mídia Ninja, a fim de problematizar os modos com que os sujeitos expõem suas posições e como que estes manifestos carregam traços que, para os estudos foucaultianos, estão instaurados na história a partir de condições de emergência que os especificam em determinado momento e lugar.

Destarte, observa-se que os discursos que são propagados no espaço virtual compõem um feixe de enunciados acerca da inferiorização e de valores atribuídos ao sujeito negro enquanto minorizado. No que tange aos discursos que envolvem a prática do racismo estrutural, mais especificamente, atrelados à manifestação do discurso de ódio e das relações de poder que os sujeitos estabelecem dentro do espaço virtual, vale salientar que a pesquisa pôde evidenciar que as práticas discursivas se confrontam, conforme modos de subjetivação definidos e que, pautados em objetivações estratégicas sobre determinados dispositivos, propiciam construções que fazem com que os negros sejam distanciados da realidade tecnológica que é integrada na sociedade, a partir de práticas que dividem os sujeitos entre os que possuem a liberdade de dizer qualquer coisa e os que recebem os atos de injúria racial no espaço do *Instagram*.

Por outro lado, ao investigar os discursos presentes nas postagens que denunciam/reproduzem o racismo estrutural, pôde-se compreender que os

comentários que envolvem o discurso de ódio são mais presentes nas páginas públicas do *Instagram* do que nos próprios perfis dos usuários que sofrem determinados casos de racismo. Ao observar uma página pública com largo alcance de visualizações como a Mídia Ninja, pôde-se evidenciar que o discurso de ódio está marcado por uma política de vigilância que está presente para que os sujeitos sejam punidos e condenados ou para tentar desconstruir o preconceito a partir das tentativas de naturalidade e neutralidade do racismo estrutural.

Além da presença dos sujeitos no âmbito do racismo, ao examinar uma página do *Instagram*, pôde-se compreender que o discurso de ódio surge a partir de ferramentas que as redes sociais disponibilizam aos seus usuários, que podem surgir através do anonimato. Nesse sentido, além da liberdade de expressão servir como suporte para que o discurso de ódio seja manifestado no *Instagram*, o anonimato surge como uma garantia de que, caso o sujeito seja responsabilizado sobre o que enuncia, ainda terá a possibilidade de não ser identificado. Não obstante, o discurso está marcado por fragmentações que, quando possibilitadas pelas plataformas de serem usadas como estratégias de dominação acerca dos sujeitos, surgem como métodos que evidenciam condutas que podem isentar o sujeito da sua responsabilidade civil. Além disso, a impossibilidade de ser respondido em razão do anonimato mostra que o direito de resposta do outro torna o discurso de ódio como inquestionável. No caso do preconceito e do racismo estrutural, torna-se uma prática que não possui a chance de ser desconstruída.

Ao verificar a liberdade de expressão expressa pela manifestação dos sujeitos nos comentários analisados, foi possível constatar que a segregação racial é consentida pelos usuários a partir do modo com que eles consideram os casos de racismo denunciados no *Instagram*. Ao transmitirem naturalidade ou causar riso e indiferença, percebe-se que as situações cotidianas contribuem para que os valores acerca do discurso estejam enraizados como parte do imaginário de uma branquitude sustentada por privilégios e por direitos que tentam deslegitimar o preconceito existente a fim de manter uma lógica enquanto uma hierarquia vigente. Com isso, as relações de força sobre as subjetividades que são produzidas conduzem os sujeitos às práticas discursivas e não discursivas sobre como o racismo é presente na sociedade e como que ele é considerado a depender da posição ocupada.

Em razão do exposto, é plausível afirmar que a pesquisa é necessária, tanto no viés da ampliação profissional do sujeito pesquisador quanto no sentido de contribuição científica para a causa antirracista. Além disso, conforme os dados analisados, percebe-se o quanto é importante que os espaços sociais conscientizem os sujeitos acerca de suas ações e de suas responsabilidades, pois conforme a epígrafe trazida no início do trabalho, ideais racistas devem ser combatidos e esta luta deve ser feita a partir do momento em que a sociedade começa a (re) pensar sobre o que diz e como diz.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sívio de. Racismo estrutural. – São Paulo: **Editora Jandaíra**, 2021.
- BATISTA, Waleska Miguel. A inferiorização dos negros a partir do racismo estrutural. **Rev. Direito Práx.** Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, p. 81-89, Outubro 2018.
- BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário: e outros temas contemporâneos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. 1ª. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2022.
- BUTLER, Judith. **Discurso de ódio: uma política do performativo**. – São Paulo: Editora Unesp, 2021.
- DANTAS, Lúvia Lorena de Souza. **O discurso racista perpassado através do humor em vídeos do youtube**. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2018. 52p.
- DREYFUS, Hubert L. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: (para além do estruturalismo e da hermenêutica)**. Hubert Dreyfus, Paul Rabinow; tradução de Vera Porto Carrero. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FIGUEIREDO, Alexandra Aparecida de Araújo; GÓIS, Marcos. L. S. A retratação e o discurso racista. In: MELO, Sílvia Mara de.; NAVARRO, Pedro; BERNARDES, Elizete de Sousa. **A subjetivação do sujeito mulher, do sujeito negro, do sujeito indígena na sociedade contemporânea: sob as lentes discursivas**. – 1. Ed. – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2021.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber** / Michel Foucault; tradução Luiz Felipe Baeta Neves. – 8. ed. – [reimp.]. – Rio de Janeiro: Editora Forense, 2020.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugurada no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 24. ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.
- FURLIN, N. **Sujeito e agência no pensamento de Judith Butler: contribuições para a teoria social**. Sociedade e Cultura, Goiânia, v. 16, n. 2, 2014.
- GREGOLIN, Maria do Rosário (org). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003. 135p.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: Editora Claraluz, 2006, 2 edição.

GREGOLIN, Maria do Rosário. No diagrama da AD brasileira: heterotopias de Michel Foucault. In: **O discurso nos domínios da linguagem e da história**. NAVARRO, Pedro. Org. São Paulo: Editora Claraluz, 2008.

GREGOLIN, M. R. F. V. Michel Foucault: uma teoria crítica que entrelaça o discurso, a verdade e a subjetividade. In: FERREIRA, R.; RAJAGOPALAN, K. **Um mapa da crítica nos estudos da linguagem e do discurso**. São Paulo: Parábola, 2016.

GUERRA, Vânia Maria Lescano. A análise do discurso de linha francesa e a pesquisa nas ciências humanas. **Scientcult**, v.1, n.1, Paranaíba, dezembro, 2009.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** – São Paulo: Editora 34, 2011.

MELLO, Patrícia Campos. **A máquina do ódio**: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital. – 1. ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MOREIRA, A. P.; LIMA, A. M. P.; BATISTA JÚNIOR, J. R. L. Memes Negro – o discurso racista (des) velado na composição multimodal. **Revista da Abralín**, vol. 20, n. 2, p. 1-24, 2021.

NANDI, José Adelmo Becker. **O combate ao discurso de ódio nas redes sociais**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Araranguá, Graduação em Tecnologias da Informação e Comunicação, Araranguá, 2018.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico**: os subterrâneos da linguagem e do racismo. Belo Horizonte, letramento, 2019.

OLIVEIRA, Joedson Kelvin de; OLIVEIRA, Romênia Gomes de; ARRAIS, Joubert de Albuquerque. **Racismo estrutural midiático no Brasil**: o corpo negro e as imagens online que condenam, matam e discriminam. **ENECULT: Encontro de estudos multidisciplinares em cultura**. Salvador, 2019.

PEREIRA SILVA, Débora Caruline. **Os discursos de ódios contra o corpo gordo feminino no Instagram**: dos estereótipos às resistências. – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2021. 102p.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** – 1. ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. – São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Tarcízio. **Comunidades, ativismos e ativismos digitais**: Olhares afrodiaspóricos. Consultora Editorial: LiteraRUA, São Paulo, 2020.

SOUSA, Claudemir; CUTRIM, Ilza Galvão. Práticas discursivas e função enunciativa na constituição do sujeito quilombola. **Estudos Linguísticos**, Revista Moura, ed. 40. Jul - dez 2013.

SOUZA, Kátia Menezes de. A noção de enunciado de Michel Foucault: onde dizer é produzir inovação. **Revista da Anpoll**, 2013. 123–157.

TRINDADE, Luiz Valério. **Discurso de ódio nas redes sociais**, São Paulo: Jandaíra, 2022.